

Três encontros sobre dons espirituais

LIVRES *em* CRISTO
— CONFERÊNCIA —

Misael Batista do Nascimento

Três encontros
sobre dons
espirituais

LIVRES *em* CRISTO
— CONFERÊNCIA —

Misael Batista do Nascimento
Limeira, SP — 14 a 16 de novembro de 2024

Três encontros sobre dons espirituais © Misael Batista do Nascimento 2024.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta apostila poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, do autor.

Dados para contato: Fone: 55-017-99717-1882 — misaelbnascimento@proton.me

1ª edição – 2024

NASCIMENTO, Misael Batista.

Três encontros sobre dons espirituais / Misael Batista do Nascimento. — 1. ed. — São José do Rio Preto, SP: Ed. do Autor, 2024.

1. Estudo bíblico
2. Pneumatologia
3. Dons espirituais
4. Serviço cristão
5. Cessacionismo
6. Pentecostalismo
- I. Título

Dedicado à honra do Cordeiro que foi morto e com o seu sangue comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, constituindo-os reino de sacerdotes (Ap 5.9-10).

Sumário

Introdução	vii
1. Batismo com o Espírito Santo, ministérios e diferentes chamados	1
1.1. Os cristãos receberam o batismo com o Espírito Santo	1
1.1.1. Algumas promessas bíblicas sobre o batismo com o Espírito Santo	1
1.1.2. O cumprimento das promessas no Pentecostes	2
1.1.3. Como compreender o batismo com o Espírito Santo	2
1.2. Ministérios ou serviços realizados para Deus	4
1.3. O chamado para servir	6
1.3.1. Seis observações sobre o chamado de deus para o serviço	7
1.3.2. A seriedade do chamado e uma lista de trabalhadores	9
2. O sacerdócio de todos os crentes e os ofícios de Cristo e da igreja	11
2.1. Todos os cristãos são sacerdotes de Deus	12
2.2. O sacerdócio dos crentes implica serviço da igreja	13
2.3. O sacerdócio de todos os crentes e os ofícios da igreja	15
2.3.1. O que são os ofícios da igreja	16
2.3.2. Uma lista dos ofícios da igreja cristã	17
2.4. O Espírito Santo faz o ofício triplo de Cristo ecoar hoje	18
3. Os dons da criação, os dons-sinais e os dons espirituais	20
3.1. Os dons da criação ou da graça comum	20
3.2. Os dons-sinais: palavra e sacramentos	21
3.3. Os dons ativos ou espirituais	22
3.3.1. O dilema falso entre talentos naturais e dons espirituais	25
3.3.2. Quem recebe os dons espirituais	25
3.3.3. Onde os dons são mencionados na bíblia e quantos dons existem	26
Considerações finais	28
Apêndice 1: Sobre a continuação dos dons e ofícios extraordinários	29
A.1. A lacuna de argumentações baseadas em 1Coríntios 13 e 14	30
A.2. Leituras fundacionais de Efésios 2.20	30
A.2.1. A leitura fundacional de João Crisóstomo	31
A.2.2. A leitura fundacional de Roma	31
A.2.3. A leitura fundacional protestante	33
A.3. A leitura fundacional carismática	36
Apêndice 2: O problema da interpretação cessacionista de 1Coríntios 13.8-13 e 14.21-22	39
Referências bibliográficas	41

Introdução

Eu agradeço a Deus pela oportunidade de estar com vocês tratando de um tema tão importante não apenas da teologia, mas também da vida cristã prática.¹

João Calvino afirmou o seguinte:

Os crentes são ricamente equipados com diferentes dons, mas é preciso que cada um reconheça que o Espírito de Deus lhe proporcionou tudo quanto possui, porquanto ele derrama seus dons, assim como o sol difunde seus raios em todas as direções.²

No que você pensa quando ouve a expressão “dons espirituais”? A resposta a esta pergunta dependerá de sua procedência religiosa. Sua experiência com os dons espirituais foi boa ou ruim? Além disso, pode ser que para alguns, este seja o primeiro contato com o tema em uma conferência.

Nestes estudos, serão abordados os temas *Batismo com o Espírito Santo, ministérios e diferentes chamados; O sacerdócio de todos os crentes e os ofícios de Cristo e da igreja* e *Os dons da criação, os dons-sinais e os dons espirituais*.

Desde o 2º século da era cristã, poucos assuntos contribuem tanto para a divisão de igrejas quanto os dons espirituais. Bruner afirma que “pelo menos a partir de Montano, talvez a partir de Corinto, os dons do Espírito têm parecido ser mais fonte de embaraço do que de encorajamento para a igreja cristã”.³ Mesmo dentro de uma mesma denominação, teólogos e pastores sugerem entendimentos dissonantes da doutrina. Meu propósito é caminhar atento à palavra de Paulo: “[...] se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1Co 13.3b), ou seja, mais do que polemizar, meu objetivo é edificar.

Creio, no entanto, que, quanto às coisas fundamentais da fé, a Bíblia possui um único sentido, descortinado mediante correta interpretação. Ademais, é possível dizer algumas coisas com clareza e segurança sobre os ministérios e dons espirituais. A própria Escritura informa que o ensino sobre o ministério do Espírito Santo pode e deve ser conhecido. Deus deseja que saibamos sobre isso com nitidez e de modo edificante. Isso é assim por causa da declaração do próprio Senhor Jesus Cristo: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 16.13). No contexto, o anúncio de Jesus tem a ver com “a verdade” acerca da redenção, mas isso alcança a doutrina dos ministérios e dons espirituais, uma vez que a doação de dons aos homens e, por conseguinte, nossa experiência com os dons, advêm da ressurreição e exaltação de Jesus Cristo (Ef 4.8; cf. At 2.33). Dito de outro modo, a doutrina dos ministérios e dons espirituais desdobra a doutrina da redenção; a luz

1 O autor é pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto (ipbriopreto.org.br) desde 2010. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019). Doutor em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ) e Reformed Theological Seminary (RTS) (2008). Graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Mackenzie (2006). Especialista *Lato Sensu* em Teologia Prática pela Faculdade Teológica Batista de Brasília (2001). Graduado em Teologia pela mesma FTBB, com concentração em ministério pastoral (1996). Autor de *Os primeiros passos do discípulo* (2ª ed. 2018), *Evangelização e discipulado* (2022), *A luta cristã* (2022) e *Igreja real na cultura digital* (2ª ed. 2025), publicados pela Editora Cultura Cristã.

2 CALVINO, João. *1Coríntios*. São José dos Campos: Fiel Editora, 2013, p. 435-436 (Série comentários bíblicos).

3 BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 135.

do Espírito, que nos ajuda a enxergar e acolher a Cristo, também nos conduz a compreender suficientemente e a praticar fielmente os dons que recebemos de Cristo.

Se isso não bastasse, nós somos ungidos como habitação do Espírito (1Jo 2.20). Os filhos de Deus experimentam o cumprimento da promessa do pacto: “Todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR” (Jr 31.34). Uma vez que, por graça, fomos feitos cristãos conhecedores, nós recebemos subsídios para estudar as verdades de Deus.

Vejamos ainda que a doutrina “dos apóstolos e profetas”, registrada nas Sagradas Escrituras (Ef 2.20), é suficiente para nos ajudar no estudo das verdades precisas para nossa salvação, santificação, consolação e serviço (isso inclui a doutrina dos ministérios e dons). E os cristãos de Corinto deviam se inteirar de algumas questões relativas aos dons espirituais (1Co 12.1).⁴ A averiguação do assunto é útil para os cristãos de hoje.

Em suma, a Bíblia fornece base segura e suficiente. Podemos e devemos estudar os dons espirituais com a expectativa de encontrar ensino fiel às Sagradas Escrituras.

Oro para que estes estudos contribuam para que a igreja seja uma verdadeira família de discípulos de Jesus Cristo. Que a igreja seja viva, simples e unida. Que os cristãos adorem ao Senhor, evangelizem, vivam comunhão e dediquem a Deus suas vidas, recursos e dons, na dependência do Espírito Santo. Que isso resulte no bem da igreja, em serviço ao Criador no mundo e em glória dada somente a ele.

Misael Batista do Nascimento.

4 Leitores bem-informados alertarão para o fato da palavra *charisma* (dom) não constar no texto grego de 1Coríntios 12.1, sendo plausível traduzir assim: “a respeito dos espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes”, sugerindo que Paulo pensava não nos dons e sim em algumas pessoas da igreja de Corinto que se achavam “espirituais”.

Eu entendo que o texto trata dos dons espirituais. Nesse particular eu concordo com Owen, para quem “a imaginação de alguns, relativas às pessoas espirituais a serem destinadas aqui, ao contrário do sentido de todos os antigos, é inconsistente com o contexto”. Cf. OWEN, John. “*A discourse concerning The Holy Spirit*”. In: GOOLD, William H. (Org.). *The works Of John Owen*. Edinburgh: T&T Clark, 1967, v. 3, p. 15-16.

Kistemaker acerta quando argumenta: “O tópico que Paulo expõe nesse capítulo é dons espirituais. O adjetivo grego *pneumatikōn* (espiritual) aparece sozinho no texto original, de modo que somos forçados a acrescentar uma palavra. Completamos a ideia, não com o substantivo referente a pessoas (2.15; 3.1; 14.37), que alguns estudiosos preferem, mas com a palavra dons (comparar com 14.1). O Espírito Santo é o doador desses dons, de modo que a tradução dons do Espírito Santo é não apenas plausível, como também atraente. O Espírito Santo continua a dotar os crentes com esses dons”; cf. KISTEMAKER, Simon. *1Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 507 (Comentário do Novo Testamento).

Uma testemunha desse entendimento antigo é Crisóstomo, cf. CRISÓSTOMO, São João. *Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios: Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 402 (Coleção Patrística). Não há problema em admitir que em 1Coríntios 12.1–14.40 Paulo instrui sobre os dons espirituais. No capítulo 12 ele destaca sua origem e utilidade no contexto do corpo. No capítulo 13 ele fala sobre o amor como dom supremo. No capítulo 14 ele orienta como os dons devem ser praticados especialmente nas reuniões de adoração da igreja.

1. Batismo com o Espírito Santo, ministérios e diferentes chamados

Imagine a cena: Algumas pessoas às margens do rio Jordão, aglomeradas em volta de João Batista, um mensageiro de Deus estranhamente vestido. O profeta se tornara uma espécie de celebridade religiosa, de modo que gente vinha de longe para vê-lo, ouvi-lo e receber o batismo. Naquele dia ele se levantou e proferiu as seguintes palavras:

Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo (Mt 3.11).

Chama a atenção que Marcos, Lucas e João também registram a fala de João Batista, com pequenas variações (Mc 1.8; Lc 3.16-17; Jo 1.32-34). Mais adiante, em Atos 1.4-5, Jesus redutivo explica que a promessa proferida por João Batista era, de fato, “a promessa do Pai”, prestes a ser cumprida na vida dos discípulos, que deviam aguardar em Jerusalém.

Um batismo com o Espírito Santo e com fogo. A menção de um “fogo inextinguível” e a informação de que os primeiros cristãos seriam batizados com o Espírito Santo pelo próprio Jesus, em Jerusalém. O que isso significa?

1.1. Os cristãos receberam o batismo com o Espírito Santo

O acolhimento da dádiva da salvação implica desfrute da dádiva do Espírito Santo. O cristão recebe a pessoa e o poder do Espírito Santo em sua vida a partir de sua conversão. Até ser glorificado, ele evidencia o fruto do Espírito enquanto diariamente busca ser cheio do Espírito Santo.

1.1.1. ALGUMAS PROMESSAS BÍBLICAS SOBRE O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

O Antigo Testamento aponta para a era da nova aliança, quando o Espírito seria derramado sobre todo o povo de Deus. O Messias inauguraria esta aliança nos últimos dias (Jr 31.31-34; Ez 36.26-27; Jl 2.28-29; cf. Mt 26.27-28). De acordo com estas profecias, a “nova aliança” asseguraria cinco bênçãos:

1. A mente e o coração recebem uma “impressão” ou “escrita” da lei de Deus — transformação.
2. O povo não mais pratica a idolatria — fidelidade ao Senhor.
3. Os crentes desfrutam de conhecimento pessoal de Deus.
4. Os eleitos são completa e definitivamente redimidos.
5. O Espírito Santo é colocado “dentro” e “derramado sobre” todos os crentes (plenitude de revelação e capacitação para a vida de fé, testemunho e serviço).

Jesus atualiza a promessa no Evangelho de João e em Atos. O Espírito Santo será enviado aos discípulos para os consolar após a partida de Jesus; para habitar dentro deles; para os ensinar e os ajudar a lembrar de tudo o que Jesus ensinou; para dar testemunho de Jesus e também capacitá-los para serem testemunhas; para convencer o mundo do pecado, da justi-

ça e do juízo; para guiar os discípulos de Jesus a toda a verdade e para glorificar Jesus Cristo (Jo 14.16-17,26; 15.26-27; 16.7-14; At 1.8).

Essas promessas de envio, de um derramamento ou de um batismo com o Espírito Santo indicam que o Espírito seria dado ao povo de Deus para confirmá-lo no desfrute da salvação assegurada pelo Messias, santificá-lo e prover consolação, bem como capacitá-lo para o testemunho e serviço de Deus na igreja e no mundo. Como aprendemos em Atos, tais promessas se cumpriram no dia de Pentecostes.

1.1.2. O CUMPRIMENTO DAS PROMESSAS NO PENTECOSTES

No batismo de Jesus, o Espírito Santo foi dado pelo Pai como dádiva ao Filho. Em seguida ele foi prometido pelo Filho aos discípulos. No dia de Pentecostes, o Espírito foi concedido aos cristãos pelo Pai através do Filho (Mt 3.16; At 2.33).

Bruner esclarece que “o Pentecostes, para os pentecostais, significa especificamente a poderosa descida do Espírito sobre os primeiros discípulos, capacitando-os a falar em outras línguas — o enchimento pentecostal”.⁵ De fato, o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes cumpriu as promessas pactuais, como dádiva que marcou a exaltação do Filho. O Pentecostes deve ser visto como uma completação da obra redentora de Jesus Cristo antes da consumação. No Pentecostes, o Espírito Santo foi dado à igreja. A partir do Pentecostes, o evangelho foi plenamente compreendido e explicado pelos apóstolos e profetas do Novo Testamento, possibilitando o ministério da igreja e testemunho cristão até “os confins da terra” (figura 1).

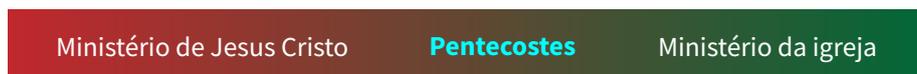


Figura 1. A vinda do Espírito no Pentecostes evidenciou a exaltação de Jesus e viabilizou a missão e o serviço da igreja.

O ministério do Espírito Santo não deve ser entendido como algo distinto ou como acréscimo à obra de Jesus Cristo, mas sim como extensão ou desdobramento da redenção. Os ministérios e dons são dados à igreja para que esta manifeste Cristo ao mundo. O derramamento do Espírito no Pentecostes assegurou os benefícios pactuais prometidos. Desde então, tanto a igreja coletivamente, quanto o cristão individualmente, têm o Espírito.

1.1.3. COMO COMPREENDER O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

Agora podemos saber qual é o sentido da profecia proferida por João Batista, sobre o batismo com o Espírito Santo.⁶ O anúncio de João é uma promessa tanto de bênção quanto de juízo condenatório.

Pensando na *bênção*, a partir do Pentecostes, os que creem em Jesus são batizados com o Espírito Santo. O fato do batismo com o Espírito ocorrer depois da conversão dos apóstolos no Pentecostes, não significa que todos os outros crentes tenham de repetir a experiência de duas etapas dos apóstolos (primeiro conversão a Cristo, depois batismo com o Espírito

⁵ BRUNER, op. cit., p. 47.

⁶ Alguns estudiosos usam a expressão “batismo no Espírito Santo” em lugar de “batismo com o Espírito Santo”; cf. BRUNER, op. cit., passim; WALKER, Paul. “Os dons e o poder do Espírito Santo”. In: *BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, p. 1394; MCALISTER, Walter; MCALISTER, John. *O pentecostal reformado*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 197-213. SPROUL, R. C. *O mistério do Espírito Santo*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 111, prefere “batismo do Espírito Santo”. Nestes estudos, essas formas são consideradas sinônimas.

Santo).⁷ Atos relata pessoas recebendo o Espírito Santo em diferentes ocasiões, mas cada episódio cumpre uma função consistente com a mensagem missionária do livro.⁸ O Espírito foi dado no Pentecostes para estabelecer e capacitar a igreja para compreender, viver e pregar o evangelho (At 2.1-41). Em Atos 8.5-25, os samaritanos foram salvos e movidos a acolher a liderança dos apóstolos judeus de Jerusalém. A partir da conversão de Cornélio (At 10.1–11.18), os líderes de Jerusalém foram convencidos de que o evangelho é também para os gentios. Por fim, no batismo dos discípulos em Éfeso, Deus usou Paulo para esclarecer que o evangelho de Jesus sobrepuja a pregação de arrependimento de João Batista (At 19.1-7).

Em Atos 2.14-21, Pedro explicou a bênção do Pentecostes afirmando que a vinda do Espírito Santo cumpriu a profecia de Joel 2.28-32. Para Pedro, a igreja começou a viver os “últimos dias” (At 2.17). Os “últimos dias” foram iniciados pelo ministério terreno de Jesus Cristo (Mc 1.15) e prosseguem nesta era em que a igreja é sustentada e impulsionada pelo Espírito Santo.⁹

O restante do Novo Testamento lança luz sobre as experiências mencionadas em Atos. O Espírito Santo foi outorgado como selo aos crentes e habita neles. A todos os cristãos foi dado de beber de um só Espírito (Rm 5.5; 8.9; 1Co 12.13; Ef 1.13-14).

O que cabe aos discípulos de Jesus hoje não é buscar um batismo com o Espírito Santo, e sim compreender que “a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus” concedeu a eles um poder e produziu neles uma transformação que não podia ser operada pela lei judaica. Sendo assim, cada crente pode e deve evidenciar o fruto do Espírito Santo em santidade prática (Rm 8.2-4; Gl 5.22-23). Além disso, o cristão é exortado a buscar a experiência de ser cheio do Espírito Santo, bem como servir ao Senhor com sua vida, seus bens e seus talentos e dons espirituais (Ef 5.17-18; 1Pe 4.10).

Isso quer dizer que o Novo Testamento não concorda com a doutrina pentecostal que sugere que é possível ser cristão sem ser batizado com o Espírito Santo — que o batismo com o Espírito Santo é uma “segunda bênção”. O teólogo pentecostal Paul Walker explica que:

O pentecostal ou carismático vê o batismo ou o recebimento do Espírito Santo como uma experiência subsequente à conversão cristã; [...] que vem através de um processo de submeter a pessoa inteira à liderança e à habitação do Espírito Santo.

7 Lamento que, para Lloyd-Jones, o fato de em Atos os discípulos e apóstolos receberem o batismo com o Espírito Santo depois de serem convertidos, estabelece um padrão para os crentes de todos os tempos; cf. LLOYD-JONES, D. Martyn. *Deus o Espírito Santo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, v. 2, p. 303-304 (Grandes doutrinas bíblicas).

8 Para os interessados em estudar mais e melhor estas passagens de Atos, em minha opinião, o melhor estudo resumido delas é o de KNIGHT III, George W. “A cessação dos dons espirituais extraordinários”. In: BEEKE, Joel; PIPA, Joseph A. (Org.). *A beleza e a glória do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 90-96. Um estudo clássico é o de Stott; cf. STOTT, John R. W. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: O mover sobrenatural de Deus*. 3ª ed. Reimp. 2011. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 21-47. Para um estudo expandido do batismo com o Espírito Santo em todo o livro de Atos, cf. BRUNER, op. cit., p. 141-200. Quem quiser saber como João Calvino e outros pais reformadores interpretaram estes trechos de Atos, cf. CHUNG-KIM, Esther. (Org.). *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016 (Comentário bíblico da Reforma). Leitores mais empenhados podem ainda compulsar o dois volumes do comentário de Atos de Kistemaker; cf. KISTEMAKER, Simon. *Atos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, v. 1, v. 2 (Comentário do Novo Testamento).

9 Disponibilizo minha interpretação de Joel 2.28-32, no sermão “O Pentecostes, a profecia de Joel e o evangelho” (At 2.14-21), disponível em: <<https://ipbriopreto.org.br/sermao/o-pentecostes-e-a-profecia-de-joel-at-2-14-21/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

[...] todos os crentes devem responder à pergunta de Atos 19.2, “recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?”¹⁰

Biblicamente, o contrário é que é verdadeiro. A pergunta de Atos 19.2 só faz sentido para uma pessoa que sabe apenas que é preciso se arrepender de seus pecados e se voltar para Deus, como pregou João Batista, mas que não sabe ainda que: (1) Jesus, o Cristo pregado por João Batista já veio a este mundo; (2) Jesus já morreu e ressuscitou pelos pecadores; (3) a fé para salvação é unicamente em Jesus Cristo e, por fim, (4) os que creem em Jesus recebem a dádiva do Espírito Santo. Ademais, a pergunta de Paulo é investigativa; ele quer saber se esses discípulos de João Batista são cristãos; como dissemos, para ele é inconcebível uma pessoa crer em Jesus, sem receber o Espírito Santo (Rm 8.9).

Por fim, o Novo Testamento não coaduna com a crença dos “pentecostais tradicionais” que, a partir de sua leitura de Atos, concluem que “falar em línguas é uma evidência do batismo ou do enchimento do Espírito Santo (At 2.4; 10.45-46; 19.6)”¹¹

Pensando no *juízo* embutido nas palavras de João Batista, o batismo “com fogo” deveria assombrar os hipócritas. O Messias executará juízo contra a “raça de víboras”, ou seja, os hipócritas religiosos (cf. Mt 3.1-12). João menciona a purificação e dotação do cristão com a pessoa e poder do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, ele aponta para o julgamento divino que cairá sobre os que não se arrependem e creem no Senhor Jesus. Como esclarece William Hendriksen:

A menção do fogo [...] ajusta essa aplicação ao Pentecostes, quando “apareceram línguas repartidas como de fogo, pousando sobre cada um deles” (At 2.3). A chama ilumina. O fogo purifica. O Espírito faz as duas coisas. Não obstante, pelo contexto (anterior e posterior, cf. v. 10 e 12) e pela profecia de Joel referente ao Pentecostes (Jl 2.30; cf. At 2.19), considerada em seu contexto (ver Jl 2.31), parece que o cumprimento final das palavras de João aguarda a segunda vinda gloriosa de Cristo para purificar a terra com fogo (2Pe 3.7,12; cf. Ml 3.2; 2Ts 1.8).¹²

Recapitulando, a partir de uma interpretação sadia das Escrituras, afirmamos que todos os cristãos verdadeiros são batizados com o Espírito Santo.¹³

10 WALKER, op. cit., p. 1394. Confirma minha interpretação de Atos 19.1-7 no sermão “O batismo com o Espírito Santo em Éfeso” (At 19.1-7), disponível em: <<https://ipbriopreto.org.br/sermao/o-batismo-com-o-espírito-santo-em-efeso-at-19-1-7/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

11 WALKER, op. cit., p. 1394, 1395. A designação “pentecostal/carismático tradicional” é mencionada pelo próprio Walker (ibid., p. 1394). Os teólogos McAlister (op. cit., p. 199-201) informam que atualmente existem carismáticos que não consideram o dom de línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo. Eles sugerem uma “solução” para a doutrina que, no fim das contas, nega o pentecostalismo tradicional e se aproxima do entendimento cessacionista (ibid., p. 202). Para os interessados em uma boa análise e crítica cessacionista do entendimento pentecostal sobre o batismo com o Espírito Santo, recomendo a leitura do cap. 3 de BRUNER, op. cit., p. 47-102.

12 HENDRIKSEN, William. *Mateus*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, v. 1, p. 260 (Comentário do Novo Testamento).

13 Para os interessados em aprender mais sobre o entendimento cessacionista do batismo com o Espírito Santo, são indispensáveis as leituras de GAFFIN JR., Richard B. *Perspectivas sobre o Pentecostes*. São Paulo: Os Puritanos, 2010, p. 15-46; de FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2014, edição do Kindle, posições 921-1568 de 4811 e de SPROUL, op. cit., p. 111-133. Uma leitura sempre recomendada é STOTT, op. cit., passim.

1.2. Ministérios ou serviços realizados para Deus

“Ministério” corresponde a “serviço prestado a Deus”. Esse serviço pode ser oferecido diretamente a ele, como quando o cultuamos (Êx 3.12; 29.30). Ademais, esse serviço pode ser prestado a Deus enquanto realizamos uma tarefa ou servimos outras pessoas. Na maioria das ocorrências no Novo Testamento, a palavra “ministério” traduz *diakonia*, que denota serviço amoroso e humilde a Deus e ao próximo.¹⁴

Olhando pelo ângulo oposto, também é correto dizer que Deus ministra a nós, ou seja, o Senhor graciosamente nos serve usando outras pessoas. Lutero insistiu na ideia de servir a Deus servindo ao próximo no desempenho de nossa própria vocação (*beruf*) ou profissão.

Um sapateiro, um ferreiro, lavrador, cada um tem o ofício e a ocupação próprios de seu trabalho. [...] cada qual deve ser útil e prestativo aos outros com seu ofício ou ocupação, de forma que múltiplas ocupações estão todas voltadas para uma comunidade, para promover corpo e alma, da mesma forma com que os membros do corpo servem todos um ao outro.¹⁵

Michael Horton menciona que “Lutero falou do trabalhador que tira o leite e do padeiro como ‘máscaras’ através das quais Deus se esconde a fim de atender as nossas orações por sustento diário. Em cada dom, Deus é o doador último”.¹⁶ Ao informar que a igreja recebe e desfruta do “dom de Cristo” (Ef 4.7-8), Paulo chama a atenção para o fato de que, no Redentor, revela-se uma dinâmica de receber e dar. Como escreve Hendriksen: “Cristo *recebeu* a fim de *dar*. Ganhou a fim de *premiar*. Ele recebeu esses cativos a fim de dá-los ao reino, para a obra do reino”.¹⁷ Os ministérios são serviços que prestamos a Deus, compartilhando aquilo que nós graciosamente recebemos dele mesmo (figura 2).



Figura 2. O cristão recebe e compartilha graça.

- 14 BODEY, R. A. “Ministério”. In: TENNEY, Merrill C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 4, p. 285. O termo “ministério” traduz ainda *hipēretēs* (cf. Lc 1.2; 2Co 4.1), com o mesmo sentido de servo. Cf. HESS, Klaus. “Servir”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 2, p. 2343, 2344.
- 15 LUTERO, Martinho. “À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão”. In: LUTERO, Martinho. *O programa da Reforma: Escritos de 1520*. 3ª ed. atualizada. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015, v. 2, edição do Kindle, posição 5766 de 11.783 (Obras selecionadas).
- 16 LUTERO, Martinho. *Day by day we magnify thee*. Filadélfia: Fortress, 1982, apud HORTON, Michael. *Doutrinas da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 373.
- 17 HENDRIKSEN, William. *Efésios e Filipenses*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 226 (Comentário do Novo Testamento).

R. A. Bodey nos ajuda a entender a amplitude da ideia bíblica de ministério:

(1) Discipulado em geral (Jo 12.26); (2) o leque completo de serviços e atividades, por meio dos quais o trabalho de Cristo é efetuado na igreja e no mundo (At 21.19; 1Co 16.15; Ef 4.11; Cl 4.17; 2Tm 4.5); (3) a pregação e o ensino da Palavra (At 6.4); (4) um “dom” divino especial para vários serviços espirituais e temporais (Rm 12.7; 1Co 12.5); (5) ministérios beneficentes específicos de assistência social na igreja de Jerusalém (At 6.1) e contribuições das igrejas dos gentios convertidos para os pobres de Jerusalém (2Co 8.4); (6) serviços pessoais como aqueles prestados por Tíquico a Paulo (Ef 6.21); (7) o ofício de diácono (Fp 1.1; 1Tm 3.8,12).¹⁸

A partir desse apanhado, afirmamos que há dois tipos principais de ministérios:

- A Bíblia menciona ministérios extraordinários e temporários.
- A Bíblia menciona ministérios ordinários e permanentes.

São considerados extraordinários e temporários os ministérios que constam na Bíblia e cumpriram seu papel na história da redenção, mas que não existem mais hoje. São considerados ordinários, os ministérios que constam na Bíblia e que continuam presentes na igreja contemporânea.

1.3. O chamado para servir

Deus chama somente pessoas “especiais” ou para “funções especiais”? Podemos acreditar que Deus chamou Noé, Abraão, Moisés, Isaías, os apóstolos, bem como continua chamando pastores ou missionários, mas será que ele chama a mim, um “cristão comum”? A palavra bíblica para chamado é “vocação” (1Co 1.26; Ef 4.1,4; Fp 3.14; 2Tm 1.9; Hb 3.1; 2Pe 1.10). É possível identificar nas Escrituras pelo menos quatro círculos concêntricos de vocação: para a conversão; para a santificação, culto e comunhão; para a evangelização, discipulado e missão e para o serviço na igreja e na cultura (figura 3).



Figura 3. Os círculos concêntricos de chamados cristãos.

¹⁸ BODEY, op. cit., p. 285.

Deus nos chama para a salvação quando a palavra ensinada ou pregada alcança nosso coração (At 16.13-15; Rm 8.28-30; 2Ts 2.14; 2Tm 1.9). De acordo com Hodge, “o Espírito Santo opera de tal maneira sobre o povo eleito de Deus, que eles são levados ao arrependimento e à fé, e assim feitos herdeiros da vida eterna, por meio de Jesus Cristo, Senhor deles”.¹⁹

Deus nos chama para a santificação, o culto e a comunhão, uma vez que sem “paz com todos e santificação [...] ninguém verá o Senhor” e ele procura pessoas que o adorem “em espírito e em verdade” (Hb 12.14; cf. Sl 15.1-5; 24.3-5; Mt 5.8; 7.23; Jo 4.23-24; 1Ts 4.7; 1Pe 1.15). Há também um chamado para a missão (evangelização e discipulado; cf. Mt 28.18-20; Mc 16.15; Lc 24.46-49; Jo 20.21-23; At 1.8) e um chamado para servir a Deus na igreja e no mundo (Mt 5.13-16; Fp 2.15; Cl 3.23-25; 1Pe 2.9; 4.10).

Nenhum desses chamados é opcional. Se somos cristãos, temos de ouvi-los e obedecê-los. Um discípulo de Jesus leva a sério os chamados divinos.

1.3.1. SEIS OBSERVAÇÕES SOBRE O CHAMADO DE DEUS PARA O SERVIÇO

Entendamos seis verdades sobre o chamado de Deus para o serviço:

1. Esse chamado convida para um trabalho e um relacionamento com Deus.
2. Ele é personalizado.
3. Pode ser respondido com relutância e gerar conflito.
4. É ordinariamente reconhecido pelo povo de Deus.
5. Para realizar o serviço, nem sempre precisamos identificar um chamado específico.
6. Ele é factual, ou seja, estabelece responsabilidades.

Quanto ao *relacionamento com Deus*, as palavras bíblicas que tratam do chamado se referem a um “apelo de Deus a uma tarefa ou função específica e sua relação especial com o seu povo”.²⁰ Deus nos chama para “estarmos com ele” (relacionamento) e, em seguida, nos incumbe de uma ou mais tarefas (Mt 28.18-20; Mc 3.13-14; At 18.9-10; 1Co 4.1-2). Os que realizam o serviço para Deus são os fiéis que andam junto dele. Um hino do *Novo cântico* expressa isso muito bem:

Não é dos fortes a vitória,
nem dos que correm melhor;
Mas dos fiéis e sinceros
que seguem junto ao Senhor!²¹

Quem se apega somente à tarefa se transforma em ativista seco, que se esgota física, emocional e espiritualmente. Quem destaca exclusivamente a comunhão com Deus se torna místico despreocupado com as obras do reino; o indivíduo que experimenta êxtases devocionais no monte, mas não colabora com a reforma dos bancos desgastados da igreja, nem presta atenção no vizinho que passa por necessidade.

¹⁹ HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 961.

²⁰ MYERS, Allen C. *The Eerdmans Bible dictionary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987, p. 183. Os termos bíblicos são *qārā* (Êx 3.4 na *Bíblia hebraica*) e o termo grego *kaleō* (Mt 25.14) e seus cognatos gregos *proskaleō* (Mc 3.13); *klēsis* (Rm 11.29); *klētos* (Rm 1.1); *legō* (no sentido de nomear, perguntar ou responder; Mt 1.16; Mc 2.16; 4.11); *phōneō* (Mc 10.49) e *chrēmatizō* (denominar ou advertir com instrução; At 11.26; Hb 8.5).

²¹ CROSBY, F. J.; GINSBURG, S. L. “Hino 49. Sempre vencendo”. In: MARRA, Cláudio (Org.). *Novo cântico*. 16ª ed. Reimp. 2017. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 44.

Quanto à *personalização*, o chamado se adequa a cada cristão, em seu próprio contexto e tempo. Além disso, cada crente responde a este chamado de modo singular. As biografias dos servos de Deus na Bíblia exemplificam isso. Pensemos, por exemplo, em Moisés e Daniel. Ambos foram chamados para servir, cada um de modo diferente. O primeiro ouviu Deus lhe falando claramente; o segundo foi levado involuntariamente para a Babilônia e integrado ao serviço real. Às vezes Deus nos ajuda a enxergar oportunidades. E há ocasiões em que somos divina e involuntariamente “empurrados” para situações que demandam colaboração. Para completar, o chamado para o serviço cristão pode ter relação com nossa aspiração ou atividade profissional, bem como com coisas que apreciamos e com as quais nos identificamos.

Quanto ao *conflito e relutância*, alguns respondem ao chamado para o serviço imediatamente, enquanto outros relutam (Is 6.8-9; Êx 3.11; 4.1,10; Jr 1.4-6). A resposta pode inclusive demandar um período de busca do Senhor (Ne 1.4-11). Por um lado o chamado exerce fascínio e, por outro, hesitação e insegurança, porque exige algo que extrapola nossa capacidade e força uma ruptura com nossos projetos imaturos (Pv 16.1-3,9; 19.21; 20.5; 21.2).

Quanto ao *reconhecimento do povo de Deus*, geralmente, o chamado é ratificado por outros crentes. Essa opinião sobre nossos dons pelos irmãos é o fato objetivo que confirma o chamado subjetivo. É por isso que a *Constituição interna* da Igreja Presbiteriana do Brasil afirma que “a admissão a qualquer ofício depende da vocação do Espírito Santo, reconhecida pela aprovação do povo de Deus”.²² Os pais puritanos diziam que, nos dias de hoje, o chamado para o ministério da Palavra é indireto, ou seja, é confirmado no coração pelo Espírito Santo aplicando a Palavra de Deus, no contexto da comunhão da igreja.²³

Quanto à *possibilidade de servir mesmo sem saber detalhes sobre o chamado*, é possível realizar algo para Deus sem ter consciência de que respondemos a um chamado. José só reconheceu seu chamado peculiar em retrospectiva, depois de realizar a tarefa e algo semelhante ocorreu com Ester (Gn 37.1-28; 40.1—41.57; 45.4-8; Et 1.1—9.32).

Finalmente, quanto ao *aspecto pactual do chamado* para o serviço, Deus nos responsabiliza.²⁴ Isso é tão solene que o Novo Testamento sublinha que cada cristão prestará contas pelo modo como serviu ao Senhor (1Co 3.10-17; 2Co 5.10; 1Pe 4.5). Sendo assim, mesmo considerando o que consta no 5º item acima, é proveitoso ter uma percepção e convicção do chamado para o serviço. Conhecê-lo nos dá foco e amplia nosso potencial de cumprir mais fielmente os mandatos de Deus.

Eis algumas sugestões para quem deseja identificar seu chamado para o serviço:

- Ore. Peça a Deus que lhe mostre onde e de que forma ele deseja que você o sirva.
- Fique de olho nas necessidades em seu entorno. Você poderia ajudar a supri-las?

22 “Constituição interna da Igreja Presbiteriana do Brasil (CI/IPB), Artigo 28”. In: SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (SC/IPB). *Manual presbiteriano*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, p. 49.

23 Joel Beeke e Mark Jones explicam que, para os puritanos, “os ministros ordinários são chamados por Deus apenas de forma indireta, não direta” (BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *Teologia puritana: Doutrina para a vida*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 910; grifo nosso). Eles citam William Ames, para quem os ministros “são chamados ordinários porque é de acordo com a ordem estabelecida por Deus que podem ser e geralmente são chamados a ministrar” (AMES, William. *The marrow of theology*. Grand Rapids: Baker, 1997, p. 183, apud BEEKE; JONES, op. cit., p. 910-911).

24 Nestes estudos o termo “pacto” aponta para a aliança que Deus estabeleceu com o homem na criação, reafirmada e garantida pelos pactos da redenção e da graça. VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, v. 1, passim.

- Veja se você se identifica com determinada causa, grupo de pessoas, atividades ou tarefas. Sirva em lugares diferentes até achar aquele em que você se sentir mais útil.
- Converse sobre o assunto com cristãos maduros e aprenda com os discernimentos e experiências deles.

1.3.2. A SERIEDADE DO CHAMADO E UMA LISTA DE TRABALHADORES

Será que nossa geração está perdendo a noção do que seja o chamado para o serviço? Em uma reunião de líderes cristãos, o autor destes estudos ouviu uma piada que descrevia o pastor como um indivíduo que trabalha somente duas horas por semana. Há igrejas que enfatizam apenas a música, se esquecendo de que Deus procura não apenas “adoradores”, mas, também “trabalhadores” (Jo 4.23-24; Mt 9.37-38).²⁵

Cristãos comprometidos com o Senhor trabalham para ele com uma convicção de que não pertencem a si mesmos, e um desejo de se gastar no serviço divino:

Todo o meu ser não considero meu;
quero gastá-lo no serviço teu.²⁶

Quando Jesus identificou os discípulos como “luz do mundo”, a iluminação era provida por lâmpadas alimentadas com azeite (Mt 5.14-16; 25.1-3). Até cerca de 150 anos atrás, iluminava-se um ambiente com lampiões, lamparinas ou velas. Tais dispositivos iluminavam queimando combustível ou a si próprios. O cristão não brilha como uma lâmpada elétrica, e sim, como uma vela. Ele derrete enquanto trabalha; ele se gasta no serviço. Temos de ter cuidado na concentração exclusiva em bem-estar; em como Deus nos consola com graça; em alívio e motivação; em Deus provendo o que necessitamos para uma vida confortável. Temos de estar dispostos a “nos gastar” no serviço do Senhor.

Talvez você já tenha ouvido falar sobre algumas dessas pessoas.

Policarpo foi pastor na cidade de Esmirna, no 2º século. Aos 86 anos ele foi queimado vivo, por não rejeitar a Cristo. David Brainerd serviu como pastor congregacional e missionário entre os índios norte-americanos. Morreu aos 29 anos de tuberculose, pouco antes de se casar. William Carey, o “pai das missões modernas”, dedicou sua vida ao trabalho missionário na Índia. David Livingstone deixou o Reino Unido aos 28 anos de idade para servir na África (ele morreu orando, em 1 de maio de 1873). Parte de seu corpo está sepultado na Abadia de Westminster (Londres). Hudson Taylor, amigo de Charles Spurgeon, serviu a Deus durante 51 anos na China. Ali dois de seus filhos morreram, um em 1858, outra em 1865. John G. Paton serviu ao Senhor nas ilhas Novas Hébridas, hoje Vanuatu, ao sul do oceano Pacífico. Horace Underwood foi pastor, educador e missionário presbiteriano na Coreia. Amy Charmichael dedicou 55 anos ao serviço de Deus no Japão, Sri Lanka e Índia.

O casal Robert Reid Kalley e Sarah P. Kalley fundou a Igreja Evangélica Fluminense, em 1858, apoiou obreiros presbiterianos e, de modo especial, a irmã Sarah compôs muitos hinos,

²⁵ Adoração e trabalho são inseparáveis (Gn 2.15). As palavras da *Bíblia hebraica* traduzidas por “cultivar” e “guardar” (Gn 2.15) são ligadas ao culto de Israel. O homem deveria *‘abad*, “cultivar” ou “servir como um adorador”. Este termo aparece 290 vezes no Antigo Testamento. Sua raiz aramaica tem o sentido de “fazer” e provém de “uma raiz árabe” cujo significado é “adorar” ou “obedecer (a Deus)”. Cf. KAISER, Walter C. *‘abad*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1065. Outro vocábulo importante é *šamar*, “guardar”, ou seja, “cuidar” ou “vigiar” o jardim, usado em conexão com a observância dos preceitos divinos (Gn 18.19; Êx 20.6; Lv 18.26).

²⁶ ORR, J. E.; KASCHEL, W. “Hino 67. Coração quebrantado”. In: MARRA, op. cit., p. 57.

alguns inseridos no hinário Novo cântico, da IPB. Ashbel Green Simonton fundou a Igreja Presbiteriana do Brasil e faleceu aos 34 anos, de “febre biliosa”.²⁷ José Manuel da Conceição, primeiro brasileiro ordenado ao ministério evangélico e plantador de igrejas apaixonado, morreu no Vale do Paraíba em decorrência de ferimentos.

A causa cristã deve muito a essas pessoas que renunciaram a seu conforto, a fim de trabalhar para Deus. O que as motivou? O que as fez ficar firmes em seus lugares e tarefas, mesmo sofrendo? Elas levaram o chamado para o serviço a sério. Paulo fez o mesmo anos antes, como lemos em Atos 18.9-11; 26.19; 27.23-26. Em Atos 20.24 ele proferiu palavras que até hoje consolam e mobilizam outros cristãos, quando meditam no chamado para o serviço: “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus”. Os cristãos citados acima podiam se acomodar ou, quem sabe, se irritar com Deus por causa do sofrimento decorrente de sua consagração. Ao invés disso, movidos pelo senso de vocação eles perseveraram, trabalharam duro e produziram frutos.

Deus deseja que façamos e não apenas ouçamos como deve ser feito, ou como determinado missionário está fazendo. Ele quer que cada um de nós, pessoalmente, *faça*. Como os presbiterianos do Brasil costumam cantar:

O trabalho a que Jesus te chama aqui,
como será feito, se o não for por ti?²⁸

Cristãos correm risco de se verem como usuários de serviços religiosos. A igreja se torna mera instituição e os pastores, profissionais pagos para atender uma clientela. A saúde da igreja é prejudicada quando os seus membros não atendem aos diferentes chamados de Deus. Esse tipo de distorção pode ganhar corpo quando os cristãos desconhecem ou compreendem mal o ensino da Bíblia sobre o sacerdócio de todos os crentes e os ofícios de Cristo e da igreja. Se Deus permitir, falaremos mais sobre isso em nosso próximo encontro.

27 Para conhecer mais sobre estas personagens, recomendo a obra de TUCKER, Ruth. *Missões até os confins da terra: Uma história biográfica*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

28 WRIGHT, H. M. “Hino 312. Há trabalho certo”. In: MARRA, op. cit., p. 242.

2. O sacerdócio de todos os crentes e os ofícios de Cristo e da igreja

Desde a Queda, existe no coração humano e, por conseguinte, na igreja, a ideia de que os crentes podem ou devem ser divididos em duas categorias, uma inferior ou comum e outra mais elevada. Marcos 10.35-45 registra um pedido que Tiago e João fizeram a Jesus. Ambos solicitaram assentar-se um à direita, outro à esquerda do Senhor, quanto este revelasse sua glória. Se Jesus concordasse com aquilo, Tiago e João seriam considerados como discípulos elevados acima dos demais.

Tempos depois, nas igrejas da Galácia, pessoas ensinaram que os cristãos precisavam se submeter à circuncisão judaica (Gl 1.6; 2.3-5,12; 6.12-13). Paulo esclareceu que a única coisa que assegura um cristão diante de Deus é a fé em Jesus Cristo (Gl 2.16,19-21; 3.7,11,22; 5.1-6,11-12; 6.15). Se o apóstolo concordasse com a proposta dos judaizantes, haveria naquelas igrejas duas classes de crentes, os não circuncidados (menos consagrados) e os circuncidados (mais dedicados a Deus).

Algo semelhante aconteceu na igreja de Corinto. Trincas foram estabelecidas pelos partidos “de Paulo”, “de Apolo”, “de Cefas [Pedro]” e “de Cristo” (1Co 1.12). É possível até que um destes grupos se intitulasse “os espirituais” (1Co 12.1). Paulo repreendeu veementemente a divisão infantil deles (1Co 3.1-23). Se aquele estado de coisas prevalecesse, haveria em Corinto crentes considerados menos espirituais, contrastando com outros, mais espirituais.

E o problema retornou em Colossos. Indivíduos com “raciocínios falazes” sugeriram que, além de Jesus Cristo, o cristão precisava adquirir conhecimento e sabedoria místicos (Cl 1.9-10,28; 2.1-4,8-9), bem como se abster de determinados alimentos e bebidas e observar o calendário judaico (Cl 2.16-17). Isso era proposto em um contexto de “culto dos anjos” e “visões” (Cl 2.18-19). Mais uma vez, Paulo corrigiu o erro (Cl 3.1-4 et seq.). Se não fosse arrancada pela raiz, a heresia colossense ensinaria dois tipos de crentes em Colossos, os comuns (que não cultuavam anjos, nem tinham visões, nem se submetiam às dietas e outras práticas rigoristas), e os cristãos mais elevados (santos e sábios das coisas ocultas).

No período medieval firmou-se uma ideia, denominada monástica,²⁹ de que o estado espiritual de um cristão que se casa e trabalha no âmbito “secular” é inferior ao de uma pessoa que decide viver em um convento ou se dedica a um trabalho “espiritual”, em tempo integral na igreja. Guardadas as devidas proporções, parece que os pais reformadores entenderam isso como atualização da mesma ideia equivocada, de que os crentes podem ou devem ser divididos em duas categorias, uma comum (de estado espiritual inferior) e outra especial (de estado espiritual mais elevado).

Neste encontro, propomos que a Bíblia combate essa ideia de duas categorias de cristãos primeiro com o evangelho, depois com o ensino sobre o sacerdócio de todos os crentes. Além disso, informa sobre os ofícios da igreja e o modo como o Espírito Santo ajuda a igreja a refletir o triplo ofício de Jesus Cristo no serviço prestado a Deus.

29 A palavra “monástica” deriva do termo grego *monastikōs*, “vida solitária”. Daí vem a palavra “monge”.

2.1. Todos os cristãos são sacerdotes de Deus

Todo cristão é constituído sacerdote. No Antigo Testamento, Deus libertou seu povo da escravidão para que este o servisse como “reino de sacerdotes e nação santa” (Êx 19.4-6).

Mesmo assim, o povo no Antigo Testamento não podia se apresentar diretamente diante de Deus. Foi estabelecida uma classe sacerdotal distinta, de modo que o sacerdote funcionava como mediador entre Deus e Israel, representando Deus diante do povo e o povo diante de Deus. Naquela estrutura, somente os filhos de Arão podiam officiar como sacerdotes (Êx 28.1, Lv 1.5,7-8). Para exercer tal ofício eles tinham de ser purificados com sangue e ungidos com óleo (Lv 8.12,30). A unção implicava consagração e revestimento com o Espírito Santo (cf. 1Jo 2.20,27). Dito de outro modo, o sacerdote do Antigo Testamento servia a Deus no poder e dependência do Espírito.

O Senhor Jesus assumiu o ofício de sumo sacerdote celestial (Hb 5.5-10). Ele continua exercendo este ofício, apresentando seu sangue e intercedendo pelos crentes junto ao trono do Pai (Hb 4.14-16; 1Jo 2.1-2). A palavra hebraica para “ungido” é *mā·šāh*; “Messias” (2Cr 6.42). A palavra grega para “Messias” é *Christos*, “Cristo” (Jo 1.41; 4.25). “Jesus Cristo” significa, literalmente, “Jesus, o Ungido”. Em outras palavras, o Senhor Jesus serviu ao Pai no poder e dependência do Espírito Santo.

Pedro apresenta os cristãos como “pedras que vivem”, ou seja, santuário edificado por Jesus como “sacerdócio santo” (1Pe 2.4-5). Depois (em 1Pe 2.9-10) ele os chama de “sacerdócio real”, uma “ordem ou corpo de sacerdotes”, incumbido da adoração e testemunho.³⁰ Calvino percebeu que o sacerdócio de Jesus e o sacerdócio dos crentes, tanto cumprem quanto superam o sacerdócio mencionado em Êxodo 19.

O que Pedro notifica é o seguinte: “Moisés chamou vossos pais de reino sagrado, porque todo o povo desfrutava, por assim dizer, [de] uma liberdade régia, e dentre seu corpo foram escolhidos os sacerdotes; portanto, ambas as dignidades foram unidas numa só. Agora, porém, vós sois sacerdotes régios, e deveras de uma maneira mais excelente, porque sois, cada um de vós, consagrados em Cristo para que sejais os associados de seu reino e participantes de seu sacerdócio. Ainda que, pois, os pais tinham algo semelhante ao que tendes, contudo *sois mais excelentes*. Porque, depois que o muro de segregação foi derrubado por Cristo, sois agora congregados de toda nação e o Senhor outorga esses régios títulos a todos quantos toma como seu povo”.³¹

Isso é reafirmado pela *Bíblia de estudo herança reformada*:

Em 1Pedro 2, o apóstolo recorre a essa eclesiologia bíblica para mostrar que tudo o que valia para a igreja sob a lei vale também para a igreja sob o evangelho, mas em medida mais exaltada. O templo terreno, por exemplo, feito por mãos humanas, foi substituído por uma “casa espiritual”, construída de “pedras vivas”. Sob a lei, a igreja tinha um sacerdócio; sob o evangelho, toda a igreja é um “sacerdócio real”.³²

³⁰ WHEATON, David H. “1Pedro”. In: CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Org.). *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 2061-2062; cf. STRONG, James. *Strong's concordance with Hebrew and Greek lexicon*. Spokane WA: Olive Tree Bible Software, Inc., [201-?], #2407.

³¹ CALVINO, João. *Epístolas gerais*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015, p. 192-193 (Série comentários bíblicos). Logos Software. Grifo nosso.

³² *BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA*. Barueri; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Cultura Cristã, 2018, p. 1796.

O apóstolo João celebra o sacerdócio dos crentes no Apocalipse. Jesus é louvado porque, por seu sangue, “nos constituiu reino [nos fez reis; ARC], sacerdotes para o seu Deus e Pai” (Ap 1.6). Em Apocalipse 5.9-10, o Cordeiro é adorado pela redenção que liberta pessoas de todas as nações e as constitui “reino e sacerdotes”.

O sumo sacerdócio do Redentor, que por sua vez estabelece o sacerdócio dos crentes, dá a estes últimos o direito de entrar com “intrepidez [...] no Santo dos Santos” (Hb 10.19-22). Os cristãos podem oferecer a Deus “sacrifício de louvor” e “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (Hb 13.15; 1Pe 2.5; cf. Rm 12.1). Isso quer dizer que, para dedicar ofertas aceitáveis a Deus, o cristão não precisa mais de um “sacerdote” segundo a linhagem de Arão, muito menos de um sacerdote da igreja. Como vimos no encontro anterior, os discípulos de Jesus receberam o Espírito Santo; a igreja sacerdotal serve a Deus Pai e Deus Filho no poder e dependência de Deus Espírito Santo.

Cabe salientar que o ensino da Bíblia sobre o sumo sacerdócio de Jesus Cristo e o sacerdócio de todos os crentes demanda afirmar que a fé protestante é contrária a ter o pastor como um sacerdote, que media a relação do crente com Deus ou que, na Ceia, oferece sacrifício pelos pecados, tal como acontece na missa romana.³³

2.2. O sacerdócio dos crentes implica serviço da igreja

Uma das implicações do sacerdócio de todos os crentes é o serviço dos cristãos uns aos outros e o serviço da igreja no mundo. No Antigo Testamento, Deus abençoa o povo por meio de um sacerdote ungido pelo Espírito Santo. No Novo Testamento, Deus Pai abençoa a igreja por meio de Jesus, o Redentor ungido pelo Espírito Santo que assume o lugar de sumo sacerdote celestial. Por fim Jesus Cristo, para glória do Pai, envia a igreja ungida pelo Espírito como corpo sacerdotal, para o serviço e bênção de Deus ao mundo (figura 4).



Figura 4. A progressão do sacerdócio no Antigo Testamento para o de todos os crentes, no Novo Testamento.

Se no Antigo Testamento o serviço a Deus era restrito aos sacerdotes e levitas, agora é atribuído a cada crente. Isso conduz a duas afirmações:

- Qualquer trabalho honesto e útil é importante.
- O trabalho de cada cristão na igreja é importante.

33 Sobre isso, vale a pena ler os capítulos 3 a 8 de CALVINO, João. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, iv.iii.3-8, v. 4, p. 68-73.

O serviço de um pastor possui tanto valor quanto qualquer outro trabalho honesto, realizado pelos membros da igreja. O importante é que cada cristão encare seu trabalho como vocação de Deus, para bênção da igreja e do mundo.

Na igreja os ofícios ou cargos diferenciam funções, não estado, importância ou honra. Isso implica rejeitar o ideal monástico, que propugna a separação entre serviço espiritual e secular. Martinho Lutero explica isso no documento *À nobreza cristã da nação alemã*:

Inventou-se que o Papa, os bispos, os sacerdotes e os monges sejam chamados de estamento espiritual; príncipes, senhores, artesãos e agricultores, de estamento secular. Isso é uma invenção e fraude muito refinada. Mas que ninguém se intimide por causa disso, e pela seguinte razão: todos os cristãos são verdadeiramente de estamento espiritual, e não há qualquer diferença entre eles a não ser exclusivamente por força do ofício, conforme Paulo diz em 1Coríntios 12.12: “Todos somos um corpo, porém cada membro tem sua própria função, com a qual serve aos outros”.

Tudo isso se deve ao fato de que temos um batismo, um evangelho, uma fé e somos cristãos iguais, porque é só batismo, evangelho e fé que tornam as pessoas espirituais e cristãs. Ora, o fato de que o Papa ou bispo unge, faz tonsura, ordena, consagra, se veste de forma diferente que os leigos pode perfazer um hipócrita ou um pseudossacerdote, jamais constitui, porém, um cristão ou pessoa espiritual. Assim pois todos nós somos ordenados sacerdotes através do batismo, como diz [...] 1Pedro 2.9: “Vós sois um sacerdócio real e um reino sacerdotal”, e Apocalipse [5.10]: “Com teu sangue tu nos constituíste sacerdotes e reis”.³⁴

Para Alister McGrath, os reformadores repudiaram vigorosamente a ideia de que ser chamado por Deus equivale a abandonar a vida comum no mundo.

As pessoas são chamadas, em primeiro lugar, para serem cristãs e, em segundo lugar, para viverem sua fé numa esfera bem definida de atividades no mundo. [...] o cristão é chamado para servir a Deus no mundo.

Essa ideia [...] deu uma nova motivação vital para ações fiéis comprometidas no mundo cotidiano. [...] os reformadores rejeitaram a distinção medieval vital entre “sagrado” e “secular”. Não há diferença genuína de posição entre a ordem “espiritual” e a “temporal”. Todos os cristãos são chamados para serem sacerdotes, e esse chamado se estende ao mundo cotidiano. Eles são chamados a purificar e santificar sua vida cotidiana a partir do seu interior. Lutero afirma esse ponto sucintamente: “O que parecem ser obras seculares na verdade são louvores a Deus e representam uma obediência que muito o agrada”.³⁵

O cristão pode e deve se assumir como servo de Deus, na igreja e no mundo. De fato, a igreja-serva é estabelecida como bênção de Cristo ao mundo (Lc 24.48; Jo 17.20-23; At 1.8; Ef 3.10-12). Como corpo de sacerdotes, Deus nos chama para o serviço que ele “de antemão preparou” para nós (Ef 2.10; Jr 1.4-5; Gl 1.15-17). Uwe Holmer explica isso do seguinte modo:

No Novo Testamento são colocadas mais nitidamente as ênfases sobre o sacerdócio: um sacerdócio real. Um sacerdócio para este mundo — essa é a posição e tarefa da igreja de Jesus [...]. É real porque pertence ao reinado de Deus e vive em direção a ele. Apesar de tribulação e desprezo ele não deixa de ser regimento livre, porque

34 LUTERO, *À nobreza cristã da nação alemã*, posição 5727 de 11.783.

35 MCGRATH, Alister E. *O pensamento da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 289.

está vinculado a Deus. Santo é um povo que pertence a Deus, que está separado para o serviço dele. Os que foram convocados desse modo vivem entre os povos e, não obstante, constituem um só povo, formando um conjunto por meio de Cristo, separados para o seu serviço (cf. Jo 17.15-19).³⁶

Outro servo de Deus resume a questão assim:

Permanece, no entanto, um sacerdócio que pertence àqueles que, pela fé, foram unidos com Cristo. Costuma-se chamá-lo “o sacerdócio de todos os crentes”. [...] É por isso que somos exortados a “apresentar os nossos corpos”, isto é, a nós mesmos, “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12.1); e, ao nos sacrificarmos de boa vontade, expressamos o nosso sacerdócio espiritual nos atos de louvor e gratidão, e no serviço altruísta ao nosso próximo, quando ministramos às suas necessidades. [...].

[O reino de Cristo], acima de tudo, não possui nenhum sistema sacerdotal. Não interpõe nenhuma tribo ou classe sacerdotal entre Deus e o homem, por cujo exclusivo intermédio Deus é reconciliado e o homem perdoado. Cada membro individual tem comunhão pessoal com a Cabeça Divina. A pessoa tem responsabilidade imediata diante dele, e é diretamente dele que ela obtém perdão e adquire força.³⁷

Se estas são as implicações do sacerdócio dos crentes para o serviço a Deus na igreja e no mundo, como devemos compreender os ofícios da igreja? O sacerdócio universal dos crentes torna desnecessário ordenar pessoas para servirem a Deus na igreja como pastores, presbíteros ou diáconos?

2.3. O sacerdócio de todos os crentes e os ofícios da igreja

De acordo com Timothy George, o ensino da Bíblia sobre o sacerdócio de todos os crentes é às vezes entendido erroneamente: “Para alguns, isso significa apenas que não há mais sacerdotes na igreja; é a secularização do clero. Dessa premissa, alguns grupos, notadamente os quacres, defendem a abolição do ministério como ordem distinta dentro da igreja”.³⁸ No Brasil há grupos que se denominam evangélicos e, ao mesmo tempo, sustentam que o Novo Testamento ensina que a igreja contemporânea não deve ter pastores ordenados.

No Novo Testamento, *klēros* significa “uma parte” — um pedaço ou porção (At 1.17). Nos primeiros dias da igreja, todos os cristãos se autodenominavam “clero”, por entender que eram “escolhidos para serem de Deus, a ‘parte’ [ou porção] do Senhor (como em Dt 32.9)”.³⁹ Menos de dois séculos depois, “já nos tempos de Tertuliano [*klēros*] era usado em referência aos oficiais ordenados da igreja, ou seja: Bispos, sacerdotes e diáconos”.⁴⁰ O termo “clérigo” passou a identificar o indivíduo ordenado para um ofício da igreja. O Novo Testamento também menciona a palavra grega *laos*, “povo” (1Pe 2.9). *Laos* se refere aos crentes como povo

36 HOLMER, Uwe. *Primeira Carta de Pedro*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2008, p. 180 (Comentário Esperança). Logos Software.

37 HUGHES, P. E. “Sacerdócio”. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990, v. 3, p. 329.

38 GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. 2ª ed. Rev. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 116.

39 MORRIS, L. “Clérigos”. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 1, p. 290-291.

40 MORRIS, op. cit., p. 291.

especial do Senhor: “Deus, [...] visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo [laos] para o seu nome” (At 15.14).⁴¹ O que provém do *laos* é *laikos*, “laico” ou “leigo”.⁴²

Vejamus com isso se encaixa com a revelação da Bíblia sobre os ofícios da igreja.

2.3.1. O QUE SÃO OS OFÍCIOS DA IGREJA

A expressão “ofício eclesiástico” diz respeito a uma função exercida no âmbito da igreja. Como a palavra grega para igreja é *ekklēsia*, o diz respeito à igreja é “eclesiástico”. Um oficial é um indivíduo chamado por Deus,⁴³ eleito pelos crentes ou designado por um presbitério,⁴⁴ com autoridade estabelecida a partir de uma ordenação com imposição de mãos.

Os oficiais estão presentes na história do povo de Deus, dos tempos do Antigo Testamento até hoje. Oficiais (*šô-ṭēr*, “governadores” na ARC) auxiliaram Moisés e se envolveram nos assuntos militares e administração civil. A função prevaleceu até os tempos dos reis, de modo que havia milhares de oficiais nos dias de Davi (Dt 1.15; 20.4-5; 31.28; 1Cr 23.4).

No Novo Testamento, os ofícios são dados à igreja de Cristo para seu estabelecimento, governo, amadurecimento, serviço e expansão. Em 1Coríntios 12.28, Paulo fala sobre “apóstolos”, “profetas” e “mestres”, ou seja, pessoas designadas para determinadas funções. Em Efésios 4.7-11 os “apóstolos”, “profetas”, “evangelistas” e “pastores e mestres” são *doma*, ou seja, “dádivas”⁴⁵ de Cristo para a igreja. Na lista de Efésios 4.11, os dons são os oficiais da igreja chamados e capacitados pelo Espírito Santo. Esse foi o entendimento de Calvino:

Ora, é possível que nos sintamos surpresos ante o fato de que, quando o apóstolo fala dos dons do Espírito Santo, ele enumera os ofícios em vez dos dons. Respondo que, sempre que os homens são chamados por Deus, os dons são necessariamente conectados com os ofícios. Pois Deus não veste homens com máscara ao designá-los apóstolos ou pastores, e sim os supre com dons, sem os quais não têm eles como desincumbir-se adequadamente de seu ofício. Portanto, aquele que for designado apóstolo mediante a autoridade de Deus não exhibe um título vazio e inútil; pois ele é investido, ao mesmo tempo, tanto com autoridade quanto com capacidade.⁴⁶

Repetindo, em Efésios 4.11, Paulo se refere a *pessoas* que Deus deu à igreja, a fim de nutri-la e torná-la amadurecida pelo serviço da Palavra. Augustus Nicodemus Lopes está correto quando afirma que:

41 BIETENHARD, H. “Povo”. In: COENEN; BROWN, op. cit., v. 2, p. 1743. Cf. ainda: NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *O laicato na teologia e ensino dos reformadores*. Disponível em: <http://www.thirdmill.org/files/portuguese/31822~9_18_01_3-22-31_PM~laicato.htm>. Acesso em: 21 fev. 2013.

42 No entendimento popular, o termo “leigo” descreve alguém “estranho ou alheio a um assunto; desconhecedor” — FERREIRA. “Leigo”. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo Informática Ltda., 2009. CD-ROM) — enquanto “laico” denota o oposto de “religioso” (e.g., “estado laico”).

43 Para Calvino, “o que torna válido um ofício é a vocação, de modo que ninguém pode exercê-lo correta ou legitimamente sem antes ser eleito por Deus”; cf. CALVINO, João. *Hebreus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012, p. 121 (Série comentários bíblicos).

44 “Vocação para ofício na igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um concílio”. Cf. “CI/IPB, Artigo 108. In: SC/IPB, op. cit. p. 136.

45 A mesma palavra é usada em Mateus 7.11; Lucas 11.13 e Filipenses 4.17.

46 CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010, p. 295-296 (Série comentários bíblicos). Logos Software.

Embora ele [Paulo] se refira nos versos 7 e 8 [de Efésios 4] aos dons espirituais que foram dados por Cristo à sua igreja (cf. “a graça foi concedida”, v. 7; “concedeu dons”, v. 8), a lista do verso 11 não é apresentada de forma abstrata, como “dons de curar, dom de profetizar, dons de discernimento e ciência”, a exemplo de outras listas (cf. 1Co 12.4-11; 28-29; Rm 12.6-8). Paulo diz que Cristo concedeu pessoas que são apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Ele concedeu “uns” e “outros”. Estas pessoas, sem dúvida, foram capacitadas com dons espirituais para exercer estes determinados e diferentes ministérios ou ofícios na igreja. Segundo Snodgrass, “a ideia aqui não é de dons dados a um grupo especial, mas da graça dando pessoas à igreja”.⁴⁷

Como argumentamos no apêndice 1, esse entendimento, de Efésios 4.11 como uma lista de pessoas ou ofícios, ao invés de uma lista de dons, faz muita diferença na discussão contemporânea sobre a continuação ou não, de alguns ofícios e dons extraordinários.

2.3.2. UMA LISTA DOS OFÍCIOS DA IGREJA CRISTÃ

Segue uma lista enxuta, observando que os ofícios de apóstolo, profeta e evangelista serão explicados com mais detalhes nos capítulos seguintes.

“Apóstolo” era um título de aplicação ampla (dado a diversas pessoas) e que, com o tempo, ficou restrito aos Doze (Ef 4.11; At 6.2; 14.14).

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, “profeta” é alguém incumbido de proferir mensagens infalíveis, reveladas pelo Espírito Santo (Ef 4.11; At 11.27-28).⁴⁸

Ainda que na igreja de hoje haja missionários e plantadores de igrejas denominados “evangelistas”, o ofício de “evangelista” mencionado em Efésios 4.11 designa alguém incumbido da pregação e do auxílio aos apóstolos no estabelecimento das primeiras igrejas (Ef 4.11; At 21.8; 2Tm 4.5).

“Pastores e mestres” governam, pregam, ensinam e ministram os sacramentos. Tal ofício é exercido por presbíteros regentes (governo e Palavra) e docentes (governo, Palavra e sacramentos — Ef 4.11; At 20.28; 1Tm 5.17). Os requisitos espirituais e morais, assim como algumas habilidades necessárias para o presbiterato, constam em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9.

“Diáconos” são o braço de socorro e misericórdia da igreja, para atender aos necessitados (At 6.1-7). Com o tempo eles foram também incumbidos de cuidar dos doentes e da ordem na casa de Deus. Os requisitos para ser eleito para o ofício constam em Atos 6.3,5 e 1Timóteo 3.8-13.

Será que todos os ofícios mencionados na Bíblia continuam na igreja contemporânea? De modo geral, igrejas reformadas assumem que, para o tempo atual, continuam na igreja

47 LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: A verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 135. Lopes cita SNODGRASS, Klyne. “Ephesians”. In: *The NIV application commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 203.

48 Contrariando Grudem — cf. GRUDEM, Wayne. *O dom de profecia no Novo Testamento e hoje*. 3ª ed. Natal: Editora Carisma, 2020; GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022, capítulos 52 e 53 (essa teologia sistemática me encantou em 2004, mas graças a Deus, o encanto foi quebrado pela leitura de autores mais alinhados à reforma de Lutero e Calvino; lamento que esta obra de Grudem, que sustenta a atualidade de profecias extrabíblicas, continue sendo recomendada e até usada como livro-texto em cursos promovidos por pastores que se assumem como calvinistas/reformados) — e alinhado a SCHREINER, Thomas R. *Dons espirituais: uma perspectiva cessacionista*. São Paulo: Vida Nova, 2019, passim. Edição do Kindle, este autor entende que as profecias proferidas por Ágabo eram sem erro e infalíveis.

apenas os ofícios de presbítero (pastor-mestre) e diácono. Para entender a razão disso, confira o *apêndice 1: Sobre a continuação dos dons e ofícios extraordinários*.

Por fim, entendamos como o Espírito Santo sublinha e atualiza Cristo nos ministérios e dons concedidos à igreja.

2.4. O Espírito Santo faz o ofício triplo de Cristo ecoar hoje

Pelo Espírito, o ministério (ou os ministérios) do cristão e da igreja ecoam o ofício triplo de Jesus. Os ofícios do Antigo Testamento, de profeta, rei e sacerdote, apontam para Jesus Cristo, pois este nos salva como Profeta, Rei e Sacerdote (Dt 18.15; Jo 1.1; 6.14; Ap 17.14; 19.16; Fp 2.5-11; Hb 2.17). Calvino fala sobre o assunto nas *Institutas*:

Portanto, para que a fé ache sólida matéria de salvação em Cristo, e assim nele descanse, deve-se estabelecer este princípio, a saber: que o ofício que lhe foi outorgado pelo Pai consta de três partes. Ora, ele foi dado não apenas como Profeta, mas também como Rei, e ainda como Sacerdote.⁴⁹

O *Catecismo de Heidelberg* menciona a implicação disso para a vida do cristão:

Por que você é chamado cristão? Resposta: Porque pela fé sou membro de Cristo e, por isso, também sou ungido para ser profeta, sacerdote e rei.

Como profeta, confesso o nome dele. Como sacerdote, ofereço minha vida a ele como sacrifício vivo de gratidão. Como rei, combato nesta vida o pecado e o diabo, de livre consciência; depois, na vida eterna, vou reinar com ele sobre todas as criaturas.⁵⁰

Vejamos que o ofício triplo de Cristo não apenas garante a salvação dos cristãos, mas também modela o serviço deles. De acordo com Michael Horton, o Espírito atua como mediador dos ofícios de Jesus, como segue:

O Espírito é o mediador do ministério profético de Cristo, defendendo a causa de Deus contra o mundo, convencendo-nos da culpa e dando-nos fé em Cristo. [...].

O Espírito é também o mediador do ministério sacerdotal de Cristo [...]. O Espírito não traz outra Palavra, mas produz dentro de nós o “amém” a Cristo.

O Espírito é o mediador do ofício real de Cristo ao subjugar a incredulidade e a tirania do pecado, dando aos pecadores a fé que os une a Cristo de tal modo que eles possam receber todos os dons celestiais.⁵¹

Além disso, o Espírito faz com que o triplo ofício de Jesus ecoe no ministério de todos os cristãos:

Por meio do Espírito, o pedido de Moisés em Números 11.29 (“Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!”) será cumprido além de seus sonhos mais exagerados. [...] O Espírito dá e orchestra os muitos dons derramados sobre o corpo por meio de oficiais ordenados, que diferem apenas nas graças (vocação), mas não na graça (condição ôntica), do Espírito. [...] Por meio do ministério do Espírito, nós também somos refeitos à imagem de Cristo como profetas, sacerdotes e reis; testemunhas verdadeiras e reais no tribunal cósmico, um coro

49 CALVINO, *As institutas*, ii.xv.1, v. 2, p. 738.

50 URSINUS, Zacarias. “Catecismo de Heidelberg (CH), pergunta 32” In: *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENE-BRA*. 3ª ed. [BEG³]. São Paulo: Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2023, p. 2284.

51 HORTON, op. cit., p. 589, 590.

respondendo de modo antifono um louvor ao nosso Redentor.⁵²

Horton nos ajuda a compreender que o ofício triplo de Cristo configura os três ofícios da igreja, de pastor-mestre, presbítero e diácono:

Os dons variados que o Rei ascendido derramou sobre sua igreja pelo seu Espírito incluem não apenas ofícios pertencentes à sua instrução em uma fé e governo espiritual, mas o ministério às necessidades temporais dos santos. [...] O Espírito media o ofício tríplice de Cristo, como profeta, sacerdote e rei nesta era por meio desses três ofícios de pastor-mestre, diácono e presbítero. [...].

Pastores pregam e ensinam [o ofício de profeta], presbíteros dirigem [o ofício de rei] e diáconos servem [o ofício de sacerdote].⁵³

Esse modo de compreender as coisas abre espaço para que saibamos o que são os dons espirituais, e como eles devem operar. Por ora, é suficiente termos por certo que quando o Novo Testamento descreve a igreja, fala de uma comunhão de profetas, reis e sacerdotes; cristãos servindo a Deus na dependência e poder do Espírito Santo.

Se Deus permitir, falaremos mais sobre isso em nosso último encontro.

52 Ibid., p. 590.

53 Ibid., p. 900, 901.

3. Os dons da criação, os dons-sinais e os dons espirituais

O propósito deste último encontro é fornecer explicações sobre a natureza, fonte, base bíblica e primeiros beneficiários dos dons. Iniciamos afirmando que a Escritura fala sobre pelo menos três tipos de dons: os dons da criação ou da graça comum, os dons-sinais e os dons ativos ou espirituais (figura 5).

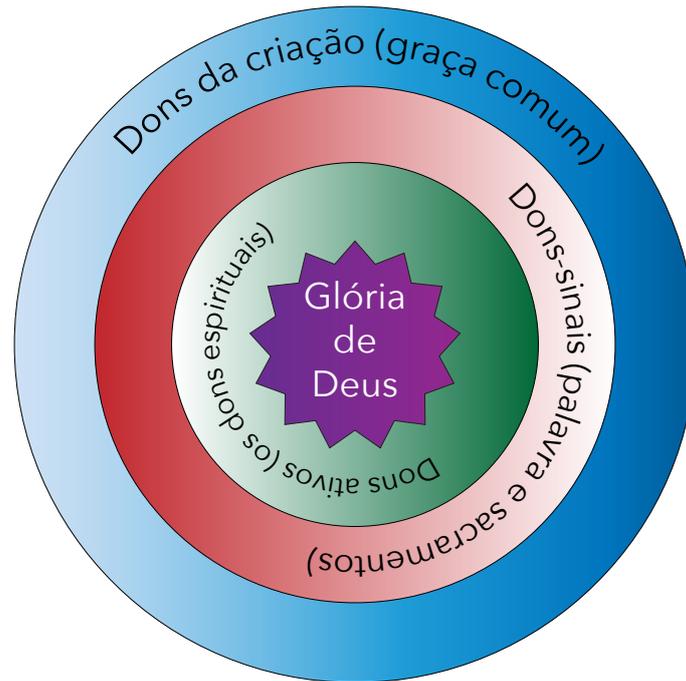


Figura 5. Todas as capacidades humanas vêm de Deus e devem ser consagradas para glória dele.

Dom é “a dádiva, o presente ou o donativo dado a alguém”.⁵⁴ Todos os dons são dados para serem usados para glória do Senhor.

3.1. Os dons da criação ou da graça comum

Um texto que menciona os dons da criação é Salmos 104.1-35. Deus podia não criar, mas ele criou, livre e espontaneamente (Gn 1.1). “A vida no cosmos é um dom de Deus”.⁵⁵ Céus e terra, todos os seres vivos — pessoas crentes e descrentes — foram por ele criados e são por ele capacitados e cuidados. E isso, diz-nos o salmo, é obra do Espírito Santo, agente da providência e da graça comum (v. 30).⁵⁶

54 HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.5a. Editora Objetivo Ltda., 2002. CD-ROM.

55 VAN GRONINGEN, op. cit., p. 63.

56 A doutrina da graça comum surgiu em decorrência da constatação, dentre outras coisas, da existência de “dons e talentos especiais” no “homem natural”, e também “do desenvolvimento da ciência e da arte por gente totalmente vazia da nova vida que há em Cristo Jesus” (BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. Reimp. 2023. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 399). Berkhof (op. cit., loc. cit.) esclarece que, “diversamente da teologia arminiana”, a “teologia Reformada não considera a doutrina da graça comum como parte da Soteriologia [doutrina da salvação]”. Isso se encaixa perfeitamente com o que sustentamos nestes estudos: Deus

No mesmo salmo, Deus faz a terra produtiva de modo a fornecer sustento aos seus habitantes. Dela o homem obtém “vinho”, “azeite” e “alimento” (v. 13-15). Esta descrição do homem saindo “para o seu trabalho” denota o convívio familiar (cf. Sl 128.2-3). O salmo inicia e finaliza com o reconhecimento da grandeza, glória e majestade de Deus. Somos convidados a distinguir diversas coisas da vida comum como dons e, em seguida, a amar e cultuar a Deus como sua fonte. Não há um milímetro do Universo em que não se encontre evidência dos dons distribuídos livremente pelo Senhor, em sua criação e providência (Sl 19.1-6).

Os dons da criação e da graça comum são as aptidões com as quais nascemos, ou que adquirimos ao longo de nossa vida, mesmo antes da conversão a Cristo. Tais dons são denominados “talentos” na literatura popular e devem ser consagrados para o serviço do Rei.

3.2. Os dons-sinais: palavra e sacramentos

O batismo, a ceia e o ministério da Palavra são dons-sinais. Os dons-sinais são usados pelo Espírito Santo para sinalizar e aplicar Cristo aos corações. Sinclair Ferguson considera a questão nos seguintes termos:

Todos os crentes são assim batizados por Cristo num só corpo; o Espírito é o instrumento desse batismo. A vida, porém, neste corpo é governada pelos meios que Cristo estabelece para o desenvolvimento e crescimento de seu povo: particularmente pelas ordenanças do batismo, da Ceia do Senhor e do ministério.⁵⁷

Ferguson prossegue informando que os dons-sinais evidenciam e comunicam Cristo pela operação do Espírito Santo.

[...] no batismo, assim como na Escritura e através dela, o Espírito dá testemunho a Cristo, toma do que lhe pertence e o revela a seu povo, vestido com as roupagens de seu ministério messiânico. A palavra nunca fracassa, mas cumpre sua função [...].⁵⁸

E ainda, “a eficácia do batismo e da ceia do Senhor não pode ser separada do ministério do Espírito”.⁵⁹ Por fim:

O Espírito tomará o que é de Cristo e o “fará conhecido” a seus discípulos. Ele faz isso fundamentalmente através da revelação apostólica, de modo que nada é revelado na ceia que já não se tenha feito conhecer nas Escrituras. Na ceia, porém, há (1) representação visual e (2) enfoque simples e específico sobre a carne partida e o sangue derramado de Cristo. Isso nos leva ao cerne da questão, e de fato ao centro do ministério do Espírito: iluminar a pessoa e a obra de Cristo. Nenhuma nova revelação é dada; nenhum outro Cristo é feito conhecido. Mas, como disse bem Robert Bruce (1554-1631), embora não obtenhamos um Cristo diferente e melhor na ceia do que

pode soberanamente conceder dons a uma pessoa inconversa, a fim de realizar seu propósito santo. Berkhof afirma (op. cit., p. 402) que “quando falamos de ‘graça comum’, temos em mente, ou (a) as operações gerais do Espírito Santo pelos quais ele, sem renovar o coração, exerce tal influência sobre o homem por meio da sua revelação geral ou especial, que o pecado sofre restrição, a ordem é mantida na vida social, e a justiça civil é promovida; ou (b) as bênçãos gerais, como a chuva e o sol, a água e o alimento, roupa e abrigo, que Deus dá a todos os homens indiscriminadamente, onde e quando lhe parece bom fazê-lo”.

57 FERGUSON, op. cit., posição 3486-3500 de 4811.

58 Ibid., posição 3565 de 4811.

59 Ibid., posição 3578 de 4811.

o Cristo obtido na Palavra, podemos obter melhor o mesmo Cristo que o Espírito ministra pelo testemunho dos emblemas físicos sendo associados à Palavra.⁶⁰

A igreja desfruta dos dons da criação e dos dons-sinais, símbolos e meios de comunicação do evangelho.

3.3. Os dons ativos ou espirituais

Paulo chama os cristãos para se empenharem no serviço do corpo de Cristo com a modéstia devida, quando menciona os dons em Romanos 12.3-8. Em outro lugar (1Co 12.2-7), o mesmo apóstolo revela que o Deus Triúno é a fonte da vida da igreja.⁶¹ Éramos estranhos a Deus; agora, pelo Espírito admitimos Jesus como Senhor (1Co 12.2-3). O apóstolo menciona “dons” ligados ao Espírito, “serviços”, ao Senhor Jesus Cristo⁶² e “realizações”, a Deus o Pai (1Co 12.4-6). O Deus Triúno é identificado como fonte destas coisas.⁶³ A vida da igreja resulta de uma ação coordenada da Trindade. Cada ato voluntário e honesto de dedicação e serviço cristão decorre desta graciosa ação divina em nós. Devemos sempre permanecer humildes e completamente dependentes dele, considerando-o como origem de todo vigor, capacidade e boa ação (Tg 1.16-18).

A palavra traduzida por “dom”, em 1Coríntios, é *charisma*, no singular — “dons”, *charismata*, no plural — formada a partir de *charis*, “graça”.⁶⁴ Tal vocábulo tem o sentido de “doação”, “um revestimento pessoal com graça”,⁶⁵ “dotação particular”⁶⁶ ou “uma expressão concreta de graça”.⁶⁷ Em 1Coríntios 12.1; 14.1, “dons espirituais” traduzem *pneumatika*, “plural neutro do adjetivo *pneumatikon*”.⁶⁸

A partir daqui, autores propõem diferentes conceitos. Uns sublinham os dons como capacidades dadas por Deus à e para a igreja, e.g., dons são descritos como “habilidades que o Espírito Santo concede à igreja”,⁶⁹ ou “um dom espiritual é uma habilidade para expressar, celebrar, demonstrar e, portanto, comunicar Cristo de um modo que edifique e fortaleça a fé em outros cristãos e faça a igreja crescer”.⁷⁰ Para Herman Ridderbos, dons são o “equi-

60 Ibid., posição 3567 de 4811.

61 Este estudo resume e adapta o conteúdo de NASCIMENTO, Misael Batista; PORTO, Ivonete Silva. *Introdução aos ministérios e dons espirituais. Exemplo do instrutor ou discipulador*. Brasília: Igreja Presbiteriana Central do Gama, 2008, p. 12-33 (Discipulado maduro e reprodutivo). Disponível em: <<https://misaelbnascimento.com/apostilas/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

62 A palavra “Senhor” se refere a Jesus a Cristo (cf. Ef 4.4-6; Fp 2.11); cf. BEG³, nota 12.4, p. 1995.

63 CALVINO, *1Coríntios*, p. 433.

64 Por conta disso, aqueles que enfatizam a contemporaneidade de todos os dons espirituais mencionados na Bíblia são denominados “carismáticos”. Sobre o movimento carismático na Igreja Católica Apostólica Romana, cf. PAULO II, João. *Discurso do Papa João Paulo II aos responsáveis do (sic.) movimento carismático católico*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981030_carismatici_po.html>. Acesso em: 28 mai. 2013.

65 ESSER, Hans-Helmut. “Graça, dons espirituais”. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 1, p. 907, 913.

66 HENDRIKSEN, *Efésios e Filipenses*, p. 223.

67 FEE, Gordon D. “Dons do Espírito”. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 411.

68 FEE, op. cit., p. 412.

69 ELWELL, Walter A.; BEITZEL, Barry J. (Org.). *Baker encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988, p. 425.

70 *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA*. 1ª ed. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 1406.

pamento espiritual especial da igreja, o qual é necessário para a sua edificação”.⁷¹ Thomas Schreiner os considera “dons da graça concedidos pelo Espírito Santo com o objetivo de edificar a igreja”⁷² e Franklin Ferreira e Allen Myatt nos lembram de que “[...] os dons do Espírito, o fruto do Espírito, e a vida no Espírito florescem no contexto da igreja, o povo de Deus, constituído como tal pelo mesmo Espírito”.⁷³

Outros estudiosos sugerem descrições mais abrangentes, compreendendo dons como capacidades dadas por Deus tanto para a edificação da igreja, quanto para o serviço do cristão e da igreja no mundo. J. I. Packer, por exemplo, não perde de vista o foco eclesial dos dons, ao defini-los como “capacidades de expressar e comunicar o conhecimento e o poder de Cristo para a edificação da igreja”.⁷⁴ Mesmo assim, ao considerá-los “poderes práticos para se demonstrar Cristo”,⁷⁵ ele propõe que são usados para ministrar a toda a humanidade:

A verdade que precisamos entender aqui é que o nosso exercício dos dons espirituais não é nada mais nem menos do que o próprio Cristo ministrando por meio do seu corpo ao seu corpo, ao Pai e a toda a humanidade. Do céu, Cristo usa os cristãos como sua boca, suas mãos, seus pés e até seu sorriso; é por meio de nós, seu povo, que ele fala e age, encontra, ama e salva, aqui e agora neste mundo.⁷⁶

Focado nas ordenanças da criação, Abraham Kuyper vê os dons como “meios e poderes divinamente ordenados pelos quais o Rei capacita sua igreja a realizar sua tarefa na terra”.⁷⁷ Parece consistente com a Escritura afirmar que *os dons espirituais são habilidades e competências que Deus nos dá para que o sirvamos na igreja e no mundo*.

Enquanto os dons são ligados ao Espírito, os “serviços” (*diakonia*) são vinculados ao Senhor Jesus (cf. Mc 10.45). Daí Kistemaker traduzir 1Coríntios 12.5 assim: “E há variedades de ministérios”.⁷⁸ Serviço é qualquer ato realizado segundo o exemplo de Cristo, com a finalidade de agradar a Deus e abençoar ao próximo.

Vern S. Poythress sugere que os dons espirituais permitem expressar o ofício triplo de Jesus Cristo (figura 6).⁷⁹ Tal como Horton, ele sugere que o serviço realizado com os dons ecoa o ofício profético, real ou sacerdotal de Jesus Cristo. Nosso Redentor usou os dons espirituais para servir a Deus como Messias (o primeiro nível de exercício dos dons). Os doze, bem como os “homens apostólicos” próximos a eles, serviram a Deus sob inspiração direta do Espírito Santo (o que chega a nós, deles, possui “autoridade divina”). Jesus, os apóstolos e os “homens apostólicos” não apenas trabalharam para Deus em sua geração, mas também constituíram uma base para o trabalho dos crentes e das igrejas de todas as gerações, como agentes da completação da revelação do Novo Testamento.

71 RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: A obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. 2ª ed. Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 495.

72 SCHREINER, op. cit., p. 23.

73 FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 683.

74 PACKER, J. I. *Caminhando no poder do Espírito*. 2ª ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 217.

75 PACKER, op. cit., p. 104.

76 Ibid., p. 103.

77 KUYPER, Abraham. *A obra do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 209.

78 KISTEMAKER, *1Coríntios*, p. 505.

79 POYTHRESS, Vern. S. “O que são dons espirituais?” In: PHILLIPS, Richard D. (Org.). *Série fé reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, v. 2, p. 70-93.

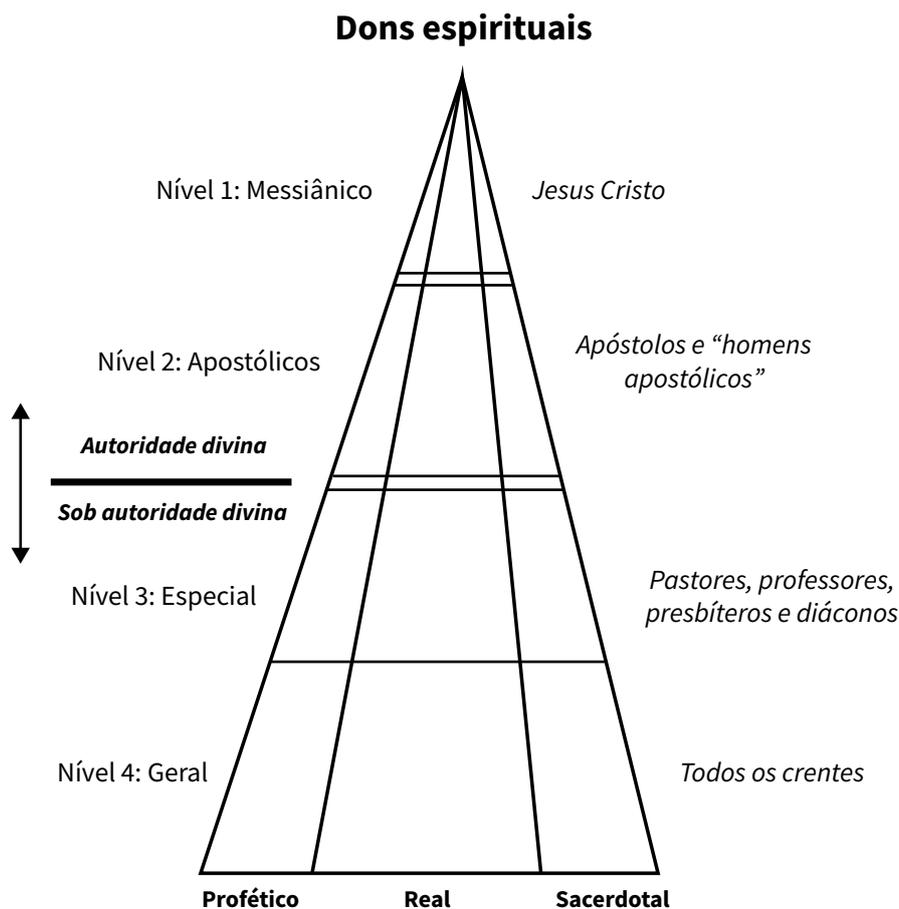


Figura 6. Os dons como expressões do triplo ofício de Jesus Cristo.

A partir de um alicerce de revelação concluído, perfeito e suficiente, a igreja contemporânea serve a Deus com os dons espirituais nos níveis 3 e 4. A Bíblia está disponível para os cristãos de hoje, como base única de sua fé e prática (por isso a igreja serve a Deus “sob autoridade”). Os oficiais (pastores e mestres, presbíteros e diáconos) atuam no terceiro nível, chamado de “especial” não por causa de diferença de importância, mas da função de servir governando a igreja pela Palavra de Deus. Todos os crentes que não são oficiais ordenados servem a Deus com seus dons no quarto nível, “geral”, também orientados pela instrução infalível e suficiente da Sagrada Escritura.

Retornando a 1Coríntios 12.6, o texto fala ainda de “realizações” utilizando um termo (*energēmata*) que só ocorre duas vezes no Novo Testamento, em 1Coríntios 12.6, traduzido como “realizações” e em 1Coríntios 12.10, traduzido como “operações” (de milagres). Ligada aos “dons” e “serviços” a palavra se refere às atividades da igreja. Para Kistemaker, “a palavra, que tem derivados em nossa língua (energia, enérgico e energizar), significa ação como resultado do poder energizador de Deus”.⁸⁰ Fee traduz por “modos de ação”⁸¹ e Frederico Lourenço, como “variedades de ações”.⁸²

80 KISTEMAKER, *1Coríntios*, loc. cit.

81 FEE, op. cit., p. 410.

82 LOURENÇO, Frederico. *Bíblia – Volume II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 318.

3.3.1. O DILEMA FALSO ENTRE TALENTOS NATURAIS E DONS ESPIRITUAIS

A partir daqui, perguntamos: Devemos trabalhar para Deus usando nossos talentos naturais ou nossos dons espirituais? O modo como esta questão é formulada enseja um dilema falso, pois Packer informa que “os dons mais significativos da vida da igreja (pregação, ensino, liderança, conselho, sustento) normalmente são capacidades naturais santificadas”.⁸³

A finalidade dos dons é nos capacitar para que trabalhemos para Deus. Usá-los para o agrado divino é mais importante do que os distinguir detalhadamente.⁸⁴ Na criação, graça comum e redenção, Deus nos configura a fim de atendermos nosso chamado. Alguns têm pendor para música, outros possuem habilidades manuais e outros, intelectuais. Deus é quem soberanamente nos constitui.

3.3.2. QUEM RECEBE OS DONS ESPIRITUAIS

Os dons espirituais são dados a *todos* os cristãos. “Deus [...] opera tudo em todos” (1Co 12.6-7,11). Cada discípulo de Jesus Cristo recebe uma ou mais capacidades necessárias e úteis para o serviço de Deus na igreja e no mundo. Esse é um dos desdobramentos da afirmação do *Credo apostólico* sobre a comunhão dos santos, tal como lemos no *Catecismo de Heidelberg*.

Como você entende “a comunhão dos santos”? Resposta. Primeiro: entendo que todos os crentes, juntos e cada um por si, têm, como membros, comunhão com Cristo, o Senhor, bem como todos os seus ricos dons. Segundo: Que todos devem sentir-se obrigados a usar seus dons com vontade e alegria para o bem dos outros membros.⁸⁵

Mas os dons espirituais não são dados somente aos cristãos (possuir dons não é evidência de que se é um cristão). Deus profetizou por meio de Balaão, homem não convertido, imoral e ambicioso (Nm 24.2-25; cf. 2Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.14).⁸⁶ O Novo Testamento fala sobre pessoas espiritualmente mortas que “provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo” (Hb 6.4). Packer propõe um entendimento de 1Coríntios 13.1-3 digno de nota: “Sem amor, diz Paulo, você pode ter os maiores dons do mundo e mesmo assim ser nada (13.1-3) — isto é, ser espiritualmente morto. Paulo suspeitava de que algumas pessoas da igreja coríntia de fato não eram “nada” nesse sentido”.⁸⁷

Packer menciona John Owen, para quem “pode haver *dons sem graças*”.⁸⁸ Ele esclarece que “alguém pode ser capaz de desempenhos que beneficiem os outros espiritualmente e, mesmo assim, ser um estranho no que diz respeito à transformação interior operada pelo Espírito, que só o verdadeiro conhecimento de Deus pode propiciar”.⁸⁹ Daí ele cita Owen, quando diz que os dons:

Não mudam o coração com poder, embora possam reformar a vida mediante a eficácia da luz. E embora Deus não os conceda normalmente a pessoas perversas, nem

83 PACKER, op. cit., p. 39.

84 Peter Wagner atrapalha quando afirma que *não* podemos confundir dom espiritual com talento natural; cf. WAGNER, C. Peter. *Descubra seus dons espirituais*. 5ª ed. Atualizada e ampliada. São Paulo: Abba Press, 2009, p. 85-88. Para posições mais equilibradas, cf. STOTT, op. cit., p. 95-99 e RICHARDS, Lawrence O.; MARTIN, Gib. *Teologia do ministério pessoal: Os dons espirituais na igreja local*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 83-84.

85 URSINUS, CH, pergunta 55”. In: BEG³, p. 2286.

86 Podem ser mencionados ainda os exemplos de Saul e Judas; cf. PACKER, op. cit., p. 41.

87 Ibid., p. 40.

88 Ibid., loc. cit. Grifos do autor.

89 Ibidem.

permita que eles continuem a operar em pessoas que, depois da sua recepção, se tornam perversas, contudo, eles podem existir em pessoas que não foram renovadas e não têm em si nada que as preserve absolutamente dos piores pecados.⁹⁰

O fato de alguém ser usado sobrenaturalmente por Deus não significa que ele seja um verdadeiro crente, ou, como sugere Packer, “ninguém deve tratar os seus dons como prova de que agrada a Deus ou como garantia da sua salvação. Os dons espirituais não realizam nenhuma dessas coisas”.⁹¹ Nosso Senhor menciona pessoas que serão condenadas no Juízo Final, apesar de terem “profetizado”, “expelido demônios” e feito “muitos milagres” em seu nome (Mt 7.15-23).⁹² Em outro lugar ele declara: “alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (Lc 10.20).

3.3.3. ONDE OS DONS SÃO MENCIONADOS NA BÍBLIA E QUANTOS DONS EXISTEM

Se os dons espirituais são habilidades que Deus nos dá para que o sirvamos na igreja e no mundo, é plausível afirmar que em cada relato de uma pessoa servindo a Deus na Bíblia, pode ser que encontremos um ou mais dons espirituais em ação. Mesmo assim, os estudiosos ordinariamente mencionam sete passagens, Êxodo 31.1-11; Romanos 12.6-8; 1Coríntios 7.7-9; 12.8-10,28; Efésios 4.11 e 1Pedro 4.11 (tabela 1).

ÊXODO 31.1-11	ROMANOS 12.6-8	1CORÍNTIOS 7.7-9	1CORÍNTIOS 12.8-10	1CORÍNTIOS 12.28	EFÉSIOS 4.11	1PEDRO 4. 11
Produzir arte	Profecia	Permanecer solteiro	Palavra da sabedoria	Apóstolos	(Apóstolos)	Falar
	Ministério (serviço)	Se casar	Palavra do conhecimento	(Profetas)	(Profetas)	Servir
	Ensino		Fé	(Mestres)	Evangelistas	
	Exortação		Dons de curar	(Operadores de milagres)	Pastores e (mestres)	
	Contribuição [doação]		Operações de milagres	(Dons de curar)		
	Presidência [direção]		(Profecia)	(Socorros)		
	Misericórdia		Discernimento de espíritos	(Governos) [administração]		
			Variedade de línguas	(Variedade de línguas)		
			Interpretação de línguas	(Interpretação de línguas)		

Tabela 1. Os principais textos da Bíblia que mencionam dons espirituais.

90 OWEN, John. In: GOOLD, op. cit., 4:437, apud PACKER, op. cit., p. 41.

91 Ibid., p. 41.

92 Desconfortavelmente, junto do falar em línguas, profetizar, curar enfermos e expulsar demônios são exatamente os dons extraordinários considerados atuais pelos pentecostais e carismáticos.

Quanto a Êxodo 31.1-11, o Espírito Santo dá a Bezalel e Aoliabe “habilidade” e “inteligência”, a fim de que produzam arte para a obra do Tabernáculo. Como tais destrezas não parecem “espirituais”, essa passagem nem sempre é mencionada nos estudos sobre dons espirituais, mas o problema é resolvido quando temos um entendimento adequado dos ministérios realizados tanto com dons espirituais quanto com dons da graça comum.

Quanto a Efésios 4.11, como dissemos, trata-se de uma lista de oficiais (pessoas dadas para o governo da igreja).

Quanto a 1Pedro 4.11, há quem considere a passagem como um registro de categorias de dons, ou seja, alguns dons são dados para nos capacitar para falar, outros, para nos habilitar para servir.⁹³

Por fim, 1Coríntios 12.8-10 menciona nove dons do Espírito Santo, mas será que há somente nove? Será que a tabela menciona todos os dons possíveis? Parece mais bíblico compreender que “nosso Deus é um Deus de uma diversidade rica e colorida”.⁹⁴ Em sua soberania, Deus não é obrigado a repetir hoje exatamente os mesmos dons descritos no Novo Testamento. Ao mesmo tempo, ele pode conceder dons inteiramente novos, de acordo com os seus planos específicos para cada igreja e pessoa. Nesses termos, ouçamos John Stott: “Quantos dons diferentes existem? [...] devemos dizer: ‘O Novo Testamento especifica pelo menos vinte, e o Deus vivo que ama a diversidade e é um doador generoso pode muito bem conceder muito, muito mais do que isto’”.⁹⁵

93 Esse parece ser o entendimento de POYTHRESS, in: PHILLIPS, op. cit., p. 70-71.

94 STOTT, op. cit., p. 94.

95 Ibid., p. 95.

Considerações finais

Agradeço mais uma vez o convite para compartilhar com vocês estas palavras, sobre os dons espirituais.

Em 2019 eu ministrei este conteúdo na cidade de Itajaí, SC e tive a oportunidade de visitar o morro do careca. Fiquei maravilhado com a beleza e amplidão da vista.

Nestes estudos, tentamos compreender, explicar e aprender sobre o que Deus Espírito Santo está realizando na igreja de Jesus Cristo. Eu esbocei alguns entendimentos sobre o batismo com o Espírito Santo, ministério e diferentes chamados divinos, sobre o sacerdócio de todos os crentes e os ofícios de Cristo e da igreja e sobre os dons da criação, os dons-sinais e os dons espirituais. No processo eu me arrisquei a descer a minúcias, mas em todo detalhamento há risco de desconsiderar o quadro total — a paisagem mais ampla que deveria nos deixar espiritualmente extasiados.

Deus Todo-Poderoso decidiu habitar em nós. Não somos bastardos, nem órfãos, mas filhos amados de Deus. E cada um de nós, sem exceção, tem seu lugar e importância na obra que Deus está realizando no mundo. Um adolescente tímido é constituído profeta. Um pescador da Galileia é feito apóstolo. Deus Todo-poderoso fez tudo por mim e habita em mim. O que eu devo e posso fazer para Deus?

Morri, morri na cruz por ti,
Que fazes tu por mim?⁹⁶

Será que eu, com todas as minhas limitações, posso fazer algo para Deus? Será que fazer algo para Deus não é complicado demais? A graça move pessoas para deixarem uma marca de bondade no mundo. Ela capacita os cristãos para andar e servir a Deus nesta vida. Que Deus nos ajude a nunca perder de vista a grandeza de sua graça, que abre, para nós, o privilégio do serviço!

Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor (Hb 12.28).

96 AVERGAL, F. R.; HAZLETT, D. M. “Hino 270. Desafio”. In: MARRA, op. cit., p. 208.

Apêndice 1: Sobre a continuação dos dons e ofícios extraordinários

A discordância mais grave sobre os ministérios e dons espirituais gira em torno da questão: O Espírito Santo continua chamando pessoas para os ofícios de apóstolo e profeta?⁹⁷ Admitindo a simplificação, apresentamos três posições sobre o assunto (figura 7).



Figura 7. Diferentes entendimentos sobre a contemporaneidade dos ofícios e dons extraordinários.

Em um extremo estão os que acreditam que todos os ofícios e dons do Novo Testamento continuam vigentes hoje. “Se algo está no Novo Testamento, e não há nenhum texto que diga explicitamente que deva deixar de existir”, dizem, “é para a igreja de hoje”.

Outros se colocam mais ao centro, não admitindo a contemporaneidade do apostolado do Novo Testamento, mas acreditando na continuação das profecias. Desde antes de Grudem, mas especialmente a partir dele, uns dentre estes postulam que as profecias contemporâneas são diferentes das do Antigo Testamento, pois podem conter erros. Ademais, argumenta-se que o falar em línguas da igreja de Corinto é diferente do falar em línguas dos cristãos em Atos 2 e advoga-se que o falar em línguas atual é semelhante ao da igreja em Corinto. Esta segunda posição é simpática porque é intermediária, um ponto de convergência aparentemente ideal para aproximações produtivas e edificantes. Postar-se no centro produz uma sensação psicológica de equilíbrio, nem demasiadamente para a esquerda dos novos apóstolos, nem para a direita do cessacionismo radical. Outro motivo para a popularidade desta posição é que (1) ela é cada vez mais mostrada como tendo boa sustentação exegética; (2) ela parece adequada para lidar com as limitações e enganos do modernismo, iluminismo e deísmo; (3) ela fornece explicações aparentemente plausíveis para as experiências de cristãos e igrejas contemporâneas; (4) mesmo teólogos contrários a esta posição, sugerem que devemos respeitar tanto a teologia, quanto os cristãos e igrejas que a sustentam.

No extremo oposto, estão cristãos que entendem que não apenas o ofício de apóstolo, mas também o de profeta são fundacionais, quer dizer, pertinentes para a fundação de igreja, portanto, extraordinários e temporários. Estes afirmam que a tarefa fundacional consistiu em duas coisas: (1) o estabelecimento do ministério ordinário e permanente da igreja (presbiterato e diaconato) e (2) a consignação do corpo doutrinal da igreja (as Escrituras do Novo Testamento). Concluída a fundação, os ofícios e dons extraordinários cessaram e permanecem na igreja os ofícios de presbítero (docente e regente) e diácono. Os que se situam aqui acham problemática a possibilidade de, levada às últimas conseqüências, a primeira posição abrir espaço, dentre outras coisas, para o acolhimento tanto da proposição de sucessão apos-

97 A questão das línguas, ainda que gerando debate, não parece tão central, pois há teólogos carismáticos sugerindo uma compreensão deste dom bastante próximas do entendimento reformado.

tólica e de continuação das revelações do romanismo, quanto da continuidade do apostolado e revelações em igrejas que se identificam como evangélicas. E ainda, que a segunda posição, ainda que aparentemente blindada quanto ao problema da sucessão apostólica, continua aberta para a confusão proveniente das ditas “novas revelações do Espírito”.

A terceira posição não é simpática porque semelha extrema, radical. Parece fomentar estranhamento que distancia. Ao sugerir à mente uma representação de “fundamentalismo” indesejado, postar-se neste extremo potencializa a sensação psicológica de desequilíbrio. Como eu disse, cada vez mais o argumento favorável ao centro e desfavorável à extrema direita, se mostra bem articulado e influente, mesmo em denominações reformadas.

A.1. A lacuna de argumentações baseadas em 1Coríntios 13 e 14

No capítulo final de seu estudo sobre 1Coríntios 12—14, D. A. Carson afirma que o movimento carismático tem desafiado a igreja a “esperar que Deus derrame seu Espírito sobre nós [...] para pôr em xeque uma teologia que, sem garantias exegéticas suficientes, rejeita toda possibilidade do que é miraculoso”.⁹⁸ Não há como discordar dele. É impossível crer na Bíblia rejeitando *toda* possibilidade do que é miraculoso, mas o que mais me chama atenção na declaração de Carson é a expressão “sem garantias exegéticas suficientes”.

Será que os cristãos que entendem que alguns ofícios e dons mencionados na Bíblia cessaram, possuem “garantias exegéticas suficientes”? Será que é possível fazer mal uso de um texto bíblico, mesmo com boa intenção e apegados a um ideal de ortodoxia? Eis o ponto: se minha crença ou prática são baseadas em um texto bíblico mal interpretado, o alicerce de minha crença e de minha prática é frágil.

Alguns intérpretes usam 1Coríntios 13,8-13; 14,21-22 para tentar provar que os dons extraordinários cessaram. A interpretação sugerida por eles não deixa de ser interessante, mas não é exegeticamente sólida.⁹⁹ Este parecer, de que alguns ofícios e dons cessaram com base em 1Coríntios 13,8-13; 14,21-22 é recente, produzido nos embates das divisões das denominações históricas, em meados do séc. 20. Ao longo da história da igreja, cristãos sustentaram que alguns ministérios e dons são extraordinários, sem depender de 1Coríntios 13,8-13; 14,21-22.

O cessacionismo perde credibilidade ao insistir nesse uso de 1Coríntios. Nas últimas décadas, os carismáticos tiveram acesso à educação teológica e recursos de estudo bíblico. Os cessacionistas são chamados de volta ao estudo humilde e dedicado da Escritura. Tanto 1Coríntios 13,8-13, quanto 14,21-22, não fornecem apoio adequado para afirmar que profecias e línguas cessaram. Não é exegeticamente honesto demonstrar certeza sobre a cessação de alguns dons, firmado nestas passagens. O que Paulo diz em 1Coríntios 13,8-13, é que, na consumação, tudo o que é incompleto e imperfeito cederá lugar ao que é completo e perfeito.

A.2. Leituras fundacionais de Efésios 2.20

O entendimento de que os ofícios de apóstolo e profeta são fundacionais, advém da metáfora utilizada por Paulo em Efésios 2.20: “edificados sobre o fundamento (*themelios*) dos após-

98 CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: A contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios de 12—14*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 183.

99 Cf. a averiguação do sentido de 1Coríntios 13,8-13 e 1Coríntios 14,21-22 no apêndice 2: *O problema da interpretação cessacionista de 1Coríntios 13,8-13 e 14,21-22*.

tolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (*akrogōniaiou*).¹⁰⁰ A igreja possui um “fundamento” ou “base firme e forte sobre a qual uma construção é feita”.¹⁰¹ E Cristo é a pedra mais importante (cf. 1Pe 2.7). No primeiro século, um edifício sem uma pedra angular “seria fraco e ineficaz”.¹⁰² Tal pedra, chamada “pedra de cantão” ou de “esquina”, ficava à mostra, às vezes no canto inferior, ligado ao fundamento, ou em posição mais alta, completando e unindo as paredes.

[A pedra angular era] colocada no canto ou na interseção de duas paredes. Nos tempos bíblicos, os edifícios geralmente eram feitos de pedras cortadas em formato de prisma reto. Ao unir dois muros que se interceptavam, a pedra angular servia para alinhar todo o edifício e garantir sua resistência.¹⁰³

A.2.1. A LEITURA FUNDACIONAL DE JOÃO CRISÓSTOMO

Sempre existiu uma leitura fundacional de Efésios 2.20. João Crisóstomo falou sobre isso, entre os séculos 4 e 5:

“Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”. Isto é, os apóstolos e os profetas são os alicerces. E em primeiro lugar coloca os apóstolos, os últimos relativamente ao tempo. Ou demonstra e afirma que estes e aqueles são os fundamentos, e o todo é um só edifício e uma só raiz. Pensa em gentios que teriam os patriarcas por fundamento. É mais apropriado do que dizer enxertados; e impressiona mais. Em seguida diz: “Do qual é Cristo Jesus a pedra angular”, isto é, Cristo abrange todas as coisas. A pedra angular sustém as paredes e os fundamentos. “Nele bem articulado, todo o edifício”. Vê como ele uniu. Declara que às vezes contém e abrange do alto todo o corpo, às vezes, porém, por baixo sustenta o edifício, e serve de raiz. A locução: “A fim de criar em si mesmo um só homem novo” significa que por si reuniu os dois muros, e ainda, que nele foram criados.¹⁰⁴

Crisóstomo explica a passagem de modo sucinto e cristocêntrico, sem sinalizar qualquer debate sobre continuação ou cessação de dons e ofícios, ou qualquer doutrina da revelação. Ele compreendia que, em sua época, alguns ofícios e dons haviam cessado. Mesmo, assim, não havia no século V uma interpretação de Efésios 2.20 que desse conta da percepção evidente de cessação desses ofícios e dons no seio da igreja fiel à Escritura. Uma proposta de releitura de Efésios 2.20 foi oferecida tempos depois, pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), aventando exatamente o contrário: pela sucessão apostólica (o Papa como vigário de Deus) e o magistério da igreja, novas revelações do Espírito Santo são bem-vindas e necessárias.

A.2.2. A LEITURA FUNDACIONAL DE ROMA

Calvino entendeu que Roma interpretou Efésios 2.20 de modo a favorecer a doutrina de sucessão apostólica, considerando o apóstolo Pedro como “pedra angular”.

100 Essa passagem é importante para o argumento cessacionista, mas não exclusiva. O entendimento cessacionista é ancorado também em outros textos da Escritura.

101 YOUNGBLOOD, Ronald F. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 588.

102 STIGERS, H. G. “Pedra angular, pedra de esquina”. In: TENNEY, op. cit., v. 4, p. 848.

103 YOUNGBLOOD, op. cit., p. 1100.

104 CRISÓSTOMO, São João. *Comentário às cartas de São Paulo/1: Homilias sobre a Carta aos Romanos: Comentários sobre a Carta aos Gálatas: Homilias sobre a Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 2010, *Sexta Homilia* [Sobre Efésios], edição do Kindle, posições 9899-9914 de 12857 (Coleção Patrística, 27/1).

Sendo o próprio Cristo a principal pedra angular. Aqueles que transferem esta honra para Pedro, e defendem a tese de que a igreja se encontra fundada sobre ele, são tão destituídos de pudor, a ponto de tentar justificar seu erro apelando para esta passagem. Objetam que Cristo é chamado a principal pedra angular em comparação com outras, e que há muitas outras pedras sobre as quais a igreja se acha fundada.¹⁰⁵

Em um documento mais recente, a ICAR afirma que a vida da igreja é suprida pelo “que foi transmitido pelos apóstolos”, como segue:

Aquilo que foi transmitido pelos apóstolos, abrange tudo quanto coopera para a vida santa do povo de Deus e para o aumento da fé, e assim a igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é, tudo aquilo que ela acredita.¹⁰⁶

Um leitor desavisado pode entender que a ICAR acredita na suficiência das Escrituras, mas esse não é o caso. A ICAR vai além da Bíblia, asseverando que os bispos (e dentre eles, o Papa) são os sucessores atuais dos apóstolos do Novo Testamento:

Porém, para que o evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na igreja, os apóstolos, deixaram os bispos como seus sucessores, “entregando-lhes o seu próprio lugar de magistério”. Portanto, a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a igreja, peregrina na terra, contempla a Deus, de quem tudo recebe até ser conduzida a vê-lo face a face tal qual ele é.¹⁰⁷

Quando ensina sobre a transmissão da revelação divina, a ICAR explica que a Tradição é uma obra “realizada pelo Espírito Santo [...] distinta da Sagrada Escritura” e corroborada pelos Santos Padres (os papas).¹⁰⁸ Este “ensinamento dos Santos Padres [dos papas] testemunha a presença vivificante desta Tradição, cujas riquezas se difundem na prática e na vida da igreja crente e orante”.¹⁰⁹ Infere-se que, para a ICAR, “o fundamento dos apóstolos e profetas” se replica e atualiza na história, pois o Espírito Santo continua ampliando a Tradição com novas revelações, dadas ao Magistério e aos “Santos Padres”.

Daí resulta que a igreja, à qual estão confiadas a transmissão e a interpretação da Revelação, não deriva sua certeza a respeito de tudo o que foi revelado *somente* da Sagrada Escritura. Por isso, ambas [Escritura e Tradição] devem ser aceitas e veneradas com igual sentimento de piedade e reverência.¹¹⁰

E ainda:

Esta tradição apostólica progride na igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da reflexão e do estudo dos crentes, que a meditam no seu coração (cf. Lc 2.19,51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam um *carisma seguro*

105 CALVINO, *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*, p. 259.

106 CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum: Constituição dogmática sobre a revelação divina*. (DV). 13ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006, cap. ii: *a transmissão da revelação divina*, seção 7, p. 12.

107 CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., cap. ii, seção 7, p. 11-12.

108 LIBRERIA IDITRICE VATICANA. *Catecismo da Igreja Católica: Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim*. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017, cap. ii, artigo 2.i.78, p. 34.

109 LIBRERIA IDITRICE VATICANA, op. cit., loc. cit.

110 *Ibid.*, cap. ii, artigo 2.ii.82, p. 35. Grifo nosso.

da verdade. Isto é, a igreja, no decorrer dos séculos, caminha continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus.¹¹¹

Em suma, para a ICAR, o Espírito Santo continua dando revelação. A igreja não possui a “plenitude da verdade divina”, mas “progride” na obtenção dessa verdade sob o ministério daqueles que sucedem aos apóstolos e possuem o “carisma [dom] seguro da verdade”. Tal entendimento é representado na figura 8.

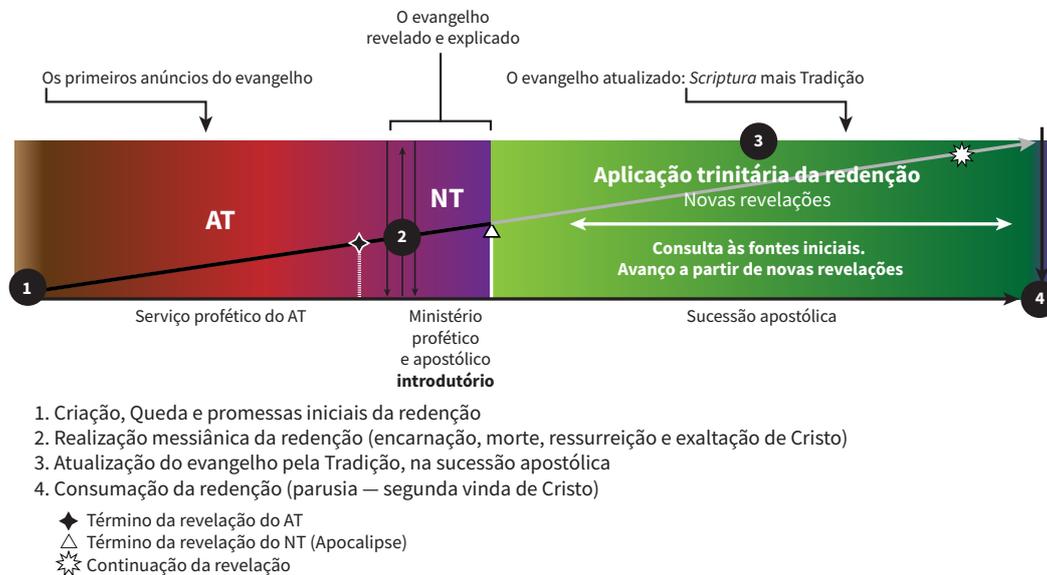


Figura 8. O entendimento proposto pela leitura fundacional de Roma.

Para a ICAR, o serviço dos apóstolos e profetas da Bíblia foi apenas introdutório, por isso a revelação corre do Antigo Testamento ao Novo Testamento e *continua*. A igreja precisa de uma *atualização* do evangelho pela Tradição (novas revelações do Espírito Santo, dadas ao Papa e aos bispos — sucessão apostólica e magistério da igreja). Trocando em miúdos, o Espírito Santo continua fornecendo revelações depois do fechamento do cânon (Antigo Testamento e Novo Testamento), ou seja, a ICAR é provida pela Escritura *mais* Tradição.

A.2.3. A LEITURA FUNDACIONAL PROTESTANTE¹¹²

Ao estudar Efésios 2.20, os intérpretes da Reforma verificaram que o texto grego permite enxergar Jesus Cristo como pedra angular do *fundamento*, nesse caso, ele é “parte essencial do fundamento”, ou ainda, como pedra angular de *todo* o edifício.¹¹³ Martin Bucer, Heinrich Bullinger e Erasmus Sarcerius, disseram que “o fundamento dos apóstolos e profetas” é o próprio Senhor Jesus Cristo.¹¹⁴ João Calvino também compreendeu Cristo como fundamen-

111 CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., seção 8, p. 12-13. Grifo nosso.

112 Esta seção não entra nas minúcias da argumentação protestante sobre ministérios, ofícios e dons. O foco aqui é o entendimento protestante de Efésios 2.20, especificamente a partir de João Calvino.

113 HAHN, Eberhard. *Carta aos Efésios*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2006, p. 55 (Comentário Esperança). Logos Software. Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida argumentam que o vocábulo utilizado por Paulo “provavelmente se referiria ao tipo de pedra que teria sido usada no Templo em Jerusalém, e portanto é mais provável entender [akrogōniou] como uma pedra angular, em vez de uma pedra angular de um telhado pontiagudo”; cf. LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. *Greek-English lexicon of the New Testament: Based on semantic domains*. Nova York: United Bible Societies, 1996, #7.44 ἀκρογωνιαίος; κεφαλὴ γωνίας, p. 87.

114 BRAY, Gerald. (Org.). *Gálatas e Efésios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 325-326 (Comentário bíblico da Reforma).

to único da igreja. Mesmo assim, para ele, a própria Escritura exige que essa declaração — de Cristo como único fundamento — seja complementada por outra.

Calvino identificou um problema: como sabemos sobre Jesus Cristo? Como sabemos o que é a igreja? Cristo chega até nós pela pregação dos apóstolos — foi sua resposta. Comentando 1Coríntios 3.11, ele escreveu: “Esta afirmação contém duas partes: em primeiro lugar, que Cristo é o único fundamento da igreja; e, em segundo lugar, que os coríntios tinham sido solidamente fundados sobre Cristo mediante a pregação de Paulo”.¹¹⁵ Sendo assim, ao interpretar Efésios 2.20, Calvino chegou a um juízo que fez frente à leitura fundacional de Roma: “O fundamento dos apóstolos e profetas” equivale à doutrina cristã.

Fundamento, nesta passagem, *inquestionavelmente* significa *doutrina*; porquanto o apóstolo não faz menção de patriarcas nem de reis piedosos, mas tão-somente daqueles que detêm o ofício de ensinar e a quem Deus designou para edificarem sua igreja. E assim Paulo ensina que a fé da igreja deve estar fundamentada nessa doutrina.¹¹⁶

E ainda, “a igreja se fundamenta não sobre juízos de homens, não sobre sacerdócios, mas sobre a doutrina dos apóstolos e dos profetas, nos lembra Paulo”.¹¹⁷ Só podemos saber com certeza quem é Jesus, o que é a igreja e todas as outras coisas necessárias à vida cristã, porque temos informação disponível em uma Bíblia escrita. Um repositório confiável de verdade revelada, proposicional e objetiva chegou até nós.

Calvinistas posteriores propuseram que a doutrina da Escritura é o fundamento da igreja, cuja revelação culmina em Jesus. Para Jean Diodati:

Sua fé, na qual você subsiste na comunhão dos santos, tem seu fundamento na regra infalível e inamovível, a doutrina do Antigo e do Novo Testamento[s], cujo sujeito principal é Cristo, que em sua pessoa é o fundamento único, real e essencial e, por assim dizer, a pedra de esquina.¹¹⁸

David Dickson entendeu inclusive, que Deus continua chamando “edificadores”, mas não se trata de novos apóstolos e profetas, e sim, dos ministros ordinários da igreja que ensinam a doutrina bíblica com fidelidade:

O apóstolos e outros ministros fiéis depois deles são os edificadores, que ensinam que Cristo (que é o único capaz de realizar toda a obra de redenção e salvação) é o único fundamento desse templo, e desse modo ensinando a edificar os santos sobre Cristo, segundo a doutrina dos apóstolos e profetas.¹¹⁹

Efésios 2.20 ensina que a igreja é construída sobre um “alicerce de doutrina” revelada por Deus aos apóstolos e profetas. Jesus Cristo é o clímax e culminação desta doutrina e, como “pedra angular”, “faz de ambos, gentios e judeus, parte da mesma parede”.¹²⁰ Calvino não “forçou” Efésios 2.20, a fim de obter “munição” contra Roma. Ele via como dedução necessária dos dados bíblicos que os apóstolos fossem tidos como depositários únicos da revelação do Novo Testamento que é final, *completada*. Ele publicou essa convicção ao comentar

115 CALVINO, *1Coríntios*, p. 130.

116 CALVINO, *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*, p. 258. Grifos nossos. Outra tradução (BRAY, op. cit., p. 325) traz: “o fundamento é claramente a doutrina”; grifo nosso.

117 CALVINO, *As institutas*, iv.ii.4, v. 4, p. 56.

118 BRAY, op. cit., p. 326.

119 Ibid., loc. cit.

120 STIGERS, op. cit., p. 848.

diferentes partes da Escritura e essa compreensão culminou no princípio *sola Scriptura*, ou seja, o evangelho foi plenamente revelado na Escritura. Uma vez que o Novo Testamento completa “o fundamento”, não há mais revelação, apenas iluminação e aplicação da verdade bíblica. O Espírito Santo salva, santifica e consola os crentes pela Palavra e pelos Sacramentos. Especialmente os calvinistas enfatizam que a igreja se expande pela bênção do Senhor sobre a missão, enquanto os cristãos se esforçam para obedecer aos mandatos espiritual, social e cultural. Destarte, a Bíblia é não apenas inspirada, inerrante e infalível, mas também suficiente. A base de fé e prática do cristão é a Bíblia e nada mais (figura 9).

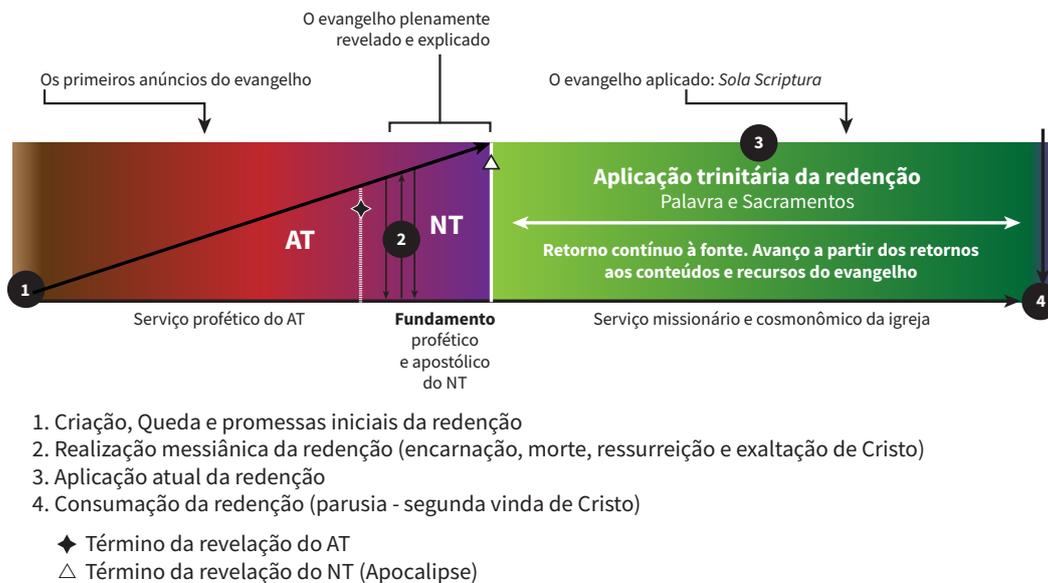


Figura 9. O entendimento proposto pela leitura fundacional protestante.

Estas considerações imbricaram no “cessacionismo” — o entendimento de que Deus, soberano sobre tudo, determinou dar à igreja serviços e dons, ao longo da história da salvação, até a consumação dos séculos. Estes serviços e dons são administrados segundo sua plenipotência e querer. Deus os administra para realização de seu propósito santo e perfeito para cada período da história cristã, sendo livre para, em determinadas épocas, tornar alguns ofícios e dons ativos ou inativos. Schreiner entende que “a definição mais concisa de cessacionismo é a crença de que certos dons espirituais no Novo Testamento — a saber, os dons mais miraculosos — já cessaram”.¹²¹

A primeira crença deste cessacionismo propugnado por Calvino é a de que a Bíblia apresenta um único ofício e prática da profecia divina, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Ainda que o conteúdo, bem como o modo de operação da profecia sejam distintos, no Antigo e Novo Testamentos, a natureza e a autoridade do ofício profético são iguais, em ambas as alianças.

Uma segunda crença do cessacionismo é a de que alguns ofícios e dons foram dados para assegurar o registro da revelação das verdades necessárias para a salvação, santificação e consolação dos eleitos de Deus. Essa é outra maneira de dizer que Deus decidiu nos dar as Sagradas Escrituras como única regra de fé e prática. Essa segunda crença implica abraçar a interpretação de Efésios 2.20 proposta por João Calvino, quer dizer, o “fundamento”

121 SCHREINER, op. cit., nota de rodapé 1, posição 144 de 2158.

mencionado em Efésios 2.20 corresponde à doutrina sobre a pessoa e obra de Jesus Cristo, revelada e completada no Antigo e Novo Testamentos.

Aplicando a segunda crença, uma terceira é a de que Efésios 4.11 menciona uma lista de ofícios da igreja (apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres), sendo os três primeiros dados para erigir o fundamento (extraordinários e temporários), hoje não mais necessários. O ofício de pastor-mestre permanece na igreja até a volta de Jesus Cristo (é ordinário e permanente).

Uma quarta crença do cessacionismo é a de que ocorrem coisas sobrenaturais hoje, no âmbito de muitas religiões, inclusive entre pentecostais e carismáticos. Isso pode ser biblicamente explicado, sem necessidade de assumir o ponto de vista pentecostal e carismático sobre serviços e dons.

Resumindo, para um cessacionista, a igreja é construída sobre o alicerce único e suficiente das Sagradas Escrituras, tendo Cristo Jesus como pedra angular. *Sola Scriptura* significa que a igreja não carece de novas revelações do Espírito e alguns serviços (ofícios) e dons, dados à igreja no período em que o Novo Testamento estava sendo concluído (completando o “alicerce”), foram reconfigurados ou não são mais necessários. Como não existe consenso entre os cessacionistas, acerca de quais serviços (ofícios) e dons cessaram e em que grau ou modo ocorreu sua modificação, talvez o mais adequado seja falar sobre “cessacionismos”.

A.3. A leitura fundacional carismática

Pentecostais, neopentecostais e carismáticos acreditam que quase todos ou todos os ofícios e dons mencionados na Bíblia continuam na igreja atual, até a volta de Cristo. Se um ofício ou dom consta na Bíblia, ele deve estar presente na igreja hoje.

O entendimento carismático pode ser conferido na figura 10.

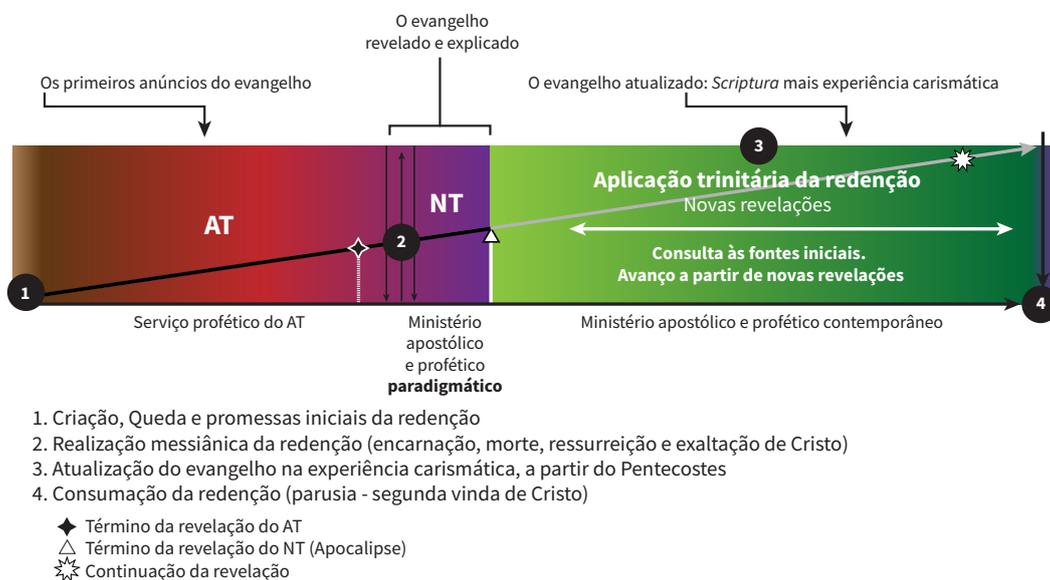


Figura 10. O entendimento carismático.

Os carismáticos propõem uma interpretação paradigmática dos Evangelhos e Atos e a restauração de dons e ofícios extraordinários. Apesar de eles alegarem que abraçam a Reforma, entendem que o serviço dos apóstolos e profetas da Bíblia fornece um modelo que deve ser replicado hoje. O evangelho é atualizado pela experiência carismática e a igreja avança recebendo revelações extrabíblicas através dos novos profetas. Rejeita-se na prática o prin-

cípio *sola Scriptura* da Reforma, em favor da Escritura *mais* experiências carismáticas, em uma grade que pode contemplar a continuação do apostolado.

Uma primeira crença dos carismáticos é a de que há diferença substancial entre os profetas do Antigo e Novo Testamentos. Ainda que dada pelo ministério do Espírito Santo, a profecia do Novo Testamento (após o Pentecostes) não é palavra de Deus infalível, pois está sujeita a erros e, por conseguinte, a correções. Isso explica — segundo eles — a razão dos ministérios de profetas contemporâneos não serem isentos de falhas.

Os carismáticos sempre subscreveram isso, mas tal crença começou a ganhar respeitabilidade teológica e acadêmica a partir da década de 1960. Herman Ridderbos, por exemplo, propôs (em 1966) que o discurso do profeta neotestamentário podia ser chamado de “revelação”, mas não devia ser recebido como “mensagem infalível” do Espírito Santo.

A profecia é uma forma especial do Espírito concedida à igreja e operante dentro dela. Por esse motivo, o discurso dos profetas também pode ser chamado de revelação. [...] Essa profecia e revelação não deve ser entendida [...] como dom excepcional, no qual a igreja, como tal, não tem participação e que precisa receber apenas como uma mensagem infalível do Espírito vinda a ela de fora”.¹²²

No início da década de 1980, J. I. Packer afirmou que “a profecia potencialmente universal do Novo Testamento era menos do que infalível e irreformável, havendo a possibilidade de precisar ser qualificada ou, de fato, corrigida”.¹²³ Tal argumento foi organizado e expandido por Wayne Grudem no final da década de 1980, no livro *O dom de profecia no Novo Testamento e hoje*.¹²⁴ A pretensa inferioridade da profecia neotestamentária deflui da possibilidade do profeta do Novo Testamento cometer falhas (1Co 14.29; 1Ts 5.20-21), ou seja, a profecia (do Novo Testamento) podia ser retificada.¹²⁵ Apesar do argumento de Grudem ter sido contestado desde o início, a popularidade dele ganhou ímpeto com a publicação, em 1994, de sua teologia sistemática best-seller¹²⁶ e talvez a grande validação exegética deste ponto de vista (sobre a inferioridade e falibilidade da profecia do Novo Testamento) tenha sido oferecida por D. A. Carson, no livro *A manifestação do Espírito*.¹²⁷ Carson entende que é “difícil justificar exegeticamente” que as profecias do Antigo e Novo Testamentos possuam o mesmo status de autoridade.¹²⁸ Para ele, “a profecia do Novo Testamento, em contraste com a do Antigo Testamento, tem um perfil bem inferior”.¹²⁹

Uma segunda crença dos carismáticos é a de que o “fundamento” da igreja, mencionado em Efésios 2.20, não é a doutrina escrita pelos apóstolos e profetas, e sim os próprios apóstolos e profetas ministrando revelação em cada nova geração da igreja, tendo Cristo

122 RIDDERBOS, op. cit., p. 506.

123 PACKER, op. cit., p. 269.

124 GRUDEM, *O dom de profecia*, passim.

125 Ibid., p. 50-62, 81-82, 91, 218-225.

126 GRUDEM, *Teologia sistemática*, capítulos 52 e 53.

127 CARSON, *A manifestação do Espírito*, passim. A opinião de Carson tem grande peso, pois ele é um especialista notável em exegese e hermenêutica; cf. CARSON, D. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. Além de autor prolífico, ele é organizador de obras substanciais; cf. CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, op. cit., passim; CARSON, D. A. (Org.). *Bíblia de estudo Thomas Nelson*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

128 CARSON, *A manifestação do Espírito*, p. 95.

129 Ibid., p. 98.

como pedra de esquina.¹³⁰ A igreja não é fundamentada em uma verdade objetiva, infalível e suficiente, dada uma vez por todas nas Escrituras, mas nos ditos sempre novos, dispensados pelo Espírito, por meio de profecias extrabíblicas.

Uma terceira crença dos carismáticos é a de que Efésios 4.11 menciona uma lista de dons disponíveis para a igreja nos dias de hoje. Nesses termos, há dentre eles quem defenda a contemporaneidade do ofício de apóstolo.

A quarta crença dos carismáticos é a de que milagres não apenas devem ser esperados ou acolhidos no cotidiano cristão, mas também buscados e promovidos por cada cristão e igreja local. Durante décadas, cessacionistas explicaram os milagres a partir de um argumento formulado no início do século XX por Benjamim B. Warfield. De acordo com Warfield, os dons milagrosos cessaram após o fechamento do cânon do Novo Testamento e a história documenta o desaparecimento dos milagres; sendo assim, os ditos “milagres” reportados na contemporaneidade são falsos.¹³¹ Em 1996, no livro *Surpreendido pela voz de Deus*, Jack Deere não apenas propôs uma resposta teológica ao argumento de Warfield, mas também relatou ocorrências de sinais e profecias durante toda a história cristã, inclusive entre crentes calvinistas do século XVI (segundo ele, até mesmo John Knox era um profeta extrabíblico).¹³² Mais recentemente a arguição de Deere foi replicada e suplementada por Renato Cunha na obra *Sob os céus da Escócia*.¹³³

A pluralidade e pulverização do movimento pentecostal e carismático impedem uma sistematização. No entanto, é possível sugerir um núcleo de questionamento da igreja institucional e anseio por um governo eclesiástico implementado diretamente pelo Espírito Santo. Alguns carismáticos se veem como beneficiários de uma replicação ou restauração das experiências da igreja no Pentecostes e em Corinto, tal como retratada em Atos 2 e 1Coríntios 12–14.¹³⁴

Concluindo, este apêndice apresentou alguns pontos importantes, tentando responder à pergunta: “Os ofícios e dons extraordinários continuam hoje?” Em sua origem, a Reforma fechou posição em torno do princípio *sola Scriptura* e isso implicou compreensão de que alguns ofícios e dons cessaram após a morte dos apóstolos. Olhamos um pouco mais de perto para Efésios 2.20 e apresentamos sumários das crenças cessacionista e carismática.

130 RUTHVEN, Jon Mark. *Sobre a cessação dos charismata*. Natal: Editora Carisma, 2017, p. 195–201, 209–217.

131 WARFIELD, Benjamin Breckinridge. *Counterfeit miracles*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1918.

132 DEERE, Jack. *Surpreendido com a voz de Deus*. São Paulo: Editora Vida, 1998. Deere continua popular entre os pentecostais e carismáticos. Na nova edição deste livro de Deere (2022), o erudito carismático Sam Storms escreveu o seguinte endosso: “Nesta edição completamente revisada de *Surpreendido pela voz de Deus*, Jack Deere forneceu ao corpo de Cristo o tratamento mais bíblico e prático disponível sobre este tópico crucial. Não conheço ninguém na igreja tão bem fundamentado nas Escrituras e hábil na dinâmica prática do ministério profético quanto Jack Deere. Se você já ouviu que os dons reveladores do Espírito são uma ameaça à suficiência da Bíblia para a vida e a piedade, este é o livro para você. Simplificando, este é o livro para todos nós!” (grifo nosso). Outras obras dele em português: DEERE, Jack. *O poder do profético: Um guia prático para descobrir e desenvolver o dom de profecia*. Natal: Editora Carisma, 2017; DEERE, Jack. *Surpreendido pelo poder do Espírito: Descubra como Deus continua a falar e a curar nos dias de hoje*. São Paulo: Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda., 2022.

133 CUNHA, Renato. *Sob os céus da Escócia: uma análise das profecias dos puritanos escoceses no século 17*. 2ª ed. revisada. Natal; Rio de Janeiro: Editora Carisma; Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016, passim.

134 Grudem tentou identificar matizes no movimento carismático das décadas passadas sugerindo as designações “cristãos da terceira onda” e “cristãos abertos, porém cautelosos”. Com o termo “carismático” eu identifiquei os crentes pentecostais, neopentecostais, carismáticos, bem como os da “terceira onda” ou “abertos, porém cautelosos”, sugeridos por GRUDEM, Wayne. (Org.). *Cessaram os dons espirituais? 4 pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 10–14 (Coleção debates).

Apêndice 2: O problema da interpretação cessacionista de 1Coríntios 13.8-13 e 14.21-22

Dois trechos de 1Coríntios são usados como “prova bíblica” de que alguns dons cessaram, 1Coríntios 13.8-13; 14.21-22.

Baseando-se em 1Coríntios 13.8,10, afirma-se que profecias, línguas e o conhecimento cessariam quando viesse “o que é perfeito”. Prossegue-se afirmando (a partir de 1Co 14.21-22), que as línguas eram um sinal da proximidade de um castigo de Deus, que recairia sobre os judeus como atualização da sentença de Isaías 28.11-12.

Juntando tudo isso, conclui-se que “o que é perfeito” se refere ao fechamento do cânon bíblico, pois a totalidade das Escrituras fornece um conhecimento completo, ao invés de imperfeito. Fechado o cânon, as profecias cessaram.¹³⁵ Ademais, o castigo de Deus sobre os judeus incrédulos aconteceu no ano 70, por ocasião da tomada de Jerusalém e destruição do Templo pelos romanos. Cumprida a sentença não há mais necessidade do sinal, por isso as línguas cessaram.¹³⁶ Afirma-se ainda, que as diferentes ocasiões de cessação das profecias e das línguas defluem (em 1Co 13.8) de Paulo usar o verbo na voz passiva, quando menciona as profecias, e na voz média, quando menciona as línguas (indicando que algo inerente às próprias línguas as faria desaparecer).¹³⁷

A argumentação acima não deixa de ser interessante, mas não é considerada sólida, do ponto de vista exegético, pelas seguintes razões:

Primeiro, de fato (em 1Co 13.8), Paulo informa que as “profecias”, as “línguas” e a “ciência” se esgotarão (*katargēthēsontai*) e “cessarão” (*pausontai*), mas até intérpretes que advogam a cessação dos dons extraordinários admitem que a variante verbal aqui nada informa sobre ocasiões diferentes de cessação das profecias e das línguas. Trata-se de mera diferença estilística, sem qualquer denotação teológica.¹³⁸

Segundo, tais dons cessarão no advento do “que é perfeito” (*teleios*; 1Co 13.10), mas “o que é perfeito” não se refere ao fechamento do cânon bíblico. Kistemaker explica que “uma das objeções a este ponto de vista é que não podemos esperar que os coríntios, em 55 d.C., tivessem a ideia de ligar perfeição com fechamento do cânon na última década do século I”.¹³⁹ Paulo se refere ao estado de perfeição instalado na consumação, comparando as coisas

135 SCHWERTLEY, Brian. *O movimento carismático e as novas revelações do Espírito*. São Paulo: Os Puritanos, 2000, p. 34-35: “Paulo contrasta os dons revelatórios da profecia, conhecimento especial e línguas, que por natureza são parciais e incompletos, com o cânon completo das Escrituras (que foi completado com os vinte e sete livros do Novo Testamento). [...] Como o que é ‘parcial’ se refere a profecia e a outros tipos de conhecimento revelacionais, então poderia ser que esse ‘perfeito’, que suplantaria esses conhecimentos, represente o perfeito e final cânon do Novo Testamento (Tg 1.21)”.

136 GARDINER, Jorge E. *A catástrofe corintiana*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2012, p. 33-34; cf. MACARTHUR JR., John F. *Os carismáticos*. 5ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2002, p. 160-162.

137 GARDINER, op. cit., p. 32; LIMA, Leandro Antonio de. *Razões da esperança: Teologia para hoje*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 660-661.

138 KISTEMAKER, *1Coríntios*, p. 571; LOPES, Augustus Nicodemus. *O culto espiritual: Um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes*. 2ª ed. revisada e aumentada. Reimpressão 2017. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 122-134.

139 KISTEMAKER, *1Coríntios*, p. 575.

aqui e agora, parciais e imperfeitas, com as coisas *lá e então*, completas e perfeitas após o estabelecimento definitivo do reino. Calvino entendeu a passagem deste modo:

Ele está dizendo: “Quando a perfeição chegar, tudo quanto nos auxiliou em nossas imperfeições será abolido.” Mas, quando tal perfeição virá? Em verdade, ela começa na morte, quando nos despiremos das inúmeras fraquezas juntamente com o corpo; ela, porém, não será plenamente estabelecida até que chegue o dia do juízo final, como logo veremos. Portanto, desse fato concluímos que é algo em extremo estúpido alguém fazer toda esta discussão aplicar-se ao período intermediário.¹⁴⁰

Kistemaker explica que:

Quando os crentes partem desta vida terrena, eles abandonam tudo o que é imperfeito e incompleto. Adentram o céu e experimentam a alegria e a paz de um estado sem pecado. Mas sua perfeição não será completa até que aconteçam a volta de Cristo, a ressurreição e o dia do juízo final. No fim do tempo cósmico, os dons espirituais, que os crentes agora possuem em parte, cessarão. Seus dons espirituais imperfeitos sobre a terra serão superados pelo seu perfeito estado de conhecimento na consumação.¹⁴¹

Este é o entendimento de outros teólogos reformados, tais como Cornelis P. Venema, George W. Knight III, Leandro Antonio de Lima e Preben Vang.¹⁴²

¹⁴⁰ CALVINO, *1Coríntios*, p. 467.

¹⁴¹ KISTEMAKER, *1Coríntios*, p. 575-576.

¹⁴² VENEMA, Cornelis P. *A promessa do futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 384-385; KNIGHT III, op. cit., p. 107; LIMA, op. cit., p. 462, 661; e ainda, VANG, Preben. *1Coríntios*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 183 (Série comentário expositivo).

Referências bibliográficas

- BEEKE, Joel R.; JONES, Mark. *Teologia puritana: Doutrina para a vida*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BEEKE, Joel; PIPA, Joseph A. (Org.). *A beleza e a glória do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. Reimp. 2023. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. 1ª ed. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA. 3ª ed. São Paulo: Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.
- BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA. Barueri; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Cultura Cristã, 2018.
- BOBSIN, Oneide. “Luteranos na ética protestante”, in *Revista eletrônica do núcleo de estudos e pesquisa do protestantismo* (NEPP) da Escola Superior de Teologia, v. 6, jan.-abr. de 2005. Disponível em: <<http://www3.10est.edu.br/nepp>>. Acesso em: 22 out. 2012.
- BRAY, Gerald. (Org.). *Gálatas e Efésios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013 (Comentário bíblico da Reforma).
- BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010 (Série comentários bíblicos). Logos Software.
- _____. *Hebreus*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012 (Série comentários bíblicos).
- _____. *1Coríntios*. São José dos Campos: Fiel Editora, 2013 (Série comentários bíblicos).
- _____. *Epístolas gerais*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015 (Série comentários bíblicos). Logos Software.
- _____. *As institutas: Edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, v. 4.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Org.). *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CARSON, D. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- _____. *A manifestação do Espírito: A contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios de 12—14*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- _____. (Org.). *Bíblia de estudo Thomas Nelson*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- CHUNG-KIM, Esther. (Org.). *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016 (Comentário bíblico da Reforma).
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 1.
- _____. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, v. 2.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum: Constituição dogmática sobre a revelação divina*. 13ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CRISÓSTOMO, São João. *Comentário às cartas de São Paulo/1: Homilias sobre a Carta aos Romanos: Comentários sobre a Carta aos Gálatas: Homilias sobre a Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 2010, Sexta Homilia [Sobre Efésios]. Edição do Kindle (Coleção Patrística, 27/1).

- CUNHA, Renato. *Sob os céus da Escócia: uma análise das profecias dos puritanos escoceses no século 17*. 2ª ed. revisada. Natal; Rio de Janeiro: Editora Carisma; Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.
- DEERE, Jack. *Surpreendido com a voz de Deus*. São Paulo: Editora Vida, 1998.
- _____. *O poder do profético: Um guia prático para descobrir e desenvolver o dom de profecia*. Natal: Editora Carisma, 2017.
- _____. *Surpreendido pelo poder do Espírito: Descubra como Deus continua a falar e a curar nos dias de hoje*. São Paulo: Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda., 2022.
- ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 1.
- _____. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990, v. 3.
- ELWELL, Walter A.; BEITZEL, Barry J. (Org.). *Baker encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.
- FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2014. Edição do Kindle.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Curitiba: Positivo Informática Ltda., 2009. CD-ROM.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GAFFIN JR., Richard B. *Perspectivas sobre o Pentecostes*. São Paulo: Os Puritanos, 2010.
- GARDINER, Jorge E. *A catástrofe corintiana*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2012.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. 2ª ed. Rev. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- GOOLD, William H. (Org.). *The works Of John Owen*. Edinburgh: T&T Clark, 1967, v. 3.
- GRUDEM, Wayne. (Org.). *Cessaram os dons espirituais? 4 pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2003 (Coleção debates).
- _____. *O dom de profecia no Novo Testamento e hoje*. 3ª ed. Natal: Editora Carisma, 2020.
- _____. *Teologia sistemática*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- HAHN, Eberhard. *Carta aos Efésios*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2006 (Comentário Esperança). Logos Software.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008.
- HENDRIKSEN, William. *Efésios e Filipenses*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992 (Comentário do Novo Testamento).
- _____. *Mateus*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, v. 1 (Comentário do Novo Testamento).
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HOLMER, Uwe. *Primeira Carta de Pedro*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2008 (Comentário Esperança). Logos Software.
- HORTON, Michael. *Doutrinas da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0.5a. Editora Objetivo Ltda., 2002. CD-ROM.
- KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014 (Comentário do Novo Testamento).
- _____. *Atos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, v. 1 (Comentário do Novo Testamento).

- *Atos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, v. 2 (Comentário do Novo Testamento).
- KUYPER, Abraham. *A obra do Espírito Santo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- LIBRERIA IDITRICE VATICANA. *Catecismo da Igreja Católica: Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim*. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- LIMA, Leandro Antonio de. *Razões da esperança: Teologia para hoje*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Deus o Espírito Santo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, v. 2 (Grandes doutrinas bíblicas).
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: A verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Fiel, 2014.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *O culto espiritual: Um estudo em 1Coríntios sobre questões atuais e diretrizes*. 2ª ed. revisada e aumentada. Reimpressão 2017. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- LOURENÇO, Frederico. *Bíblia – Volume II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. *Greek-English lexicon of the New Testament: Based on semantic domains*. Nova York: United Bible Societies, 1996. Logos Software.
- LUTERO, Martinho. *O programa da Reforma: Escritos de 1520*. 3ª ed. atualizada. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015 (Obras selecionadas, v. 2). Edição do Kindle.
- MACARTHUR JR., John F. *Os carismáticos*. 5ª ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2002.
- MARRA, Cláudio (Org.). *Novo cântico*. 16ª ed. Reimp. 2017. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MCALISTER, Walter; MCALISTER, John. *O pentecostal reformado*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- MCGRATH, Alister E. *O pensamento da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- MYERS, Allen C. *The Eerdmans Bible dictionary*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987.
- NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *O laicato na teologia e ensino dos reformadores*. Disponível em: <http://www.thirdmill.org/files/portuguese/31822~9_18_01_3-22-31_PM~laicato.htm>. Acesso em: 21 fev. 2013.
- NASCIMENTO, Misael Batista do. Sermão “O batismo com o Espírito Santo em Éfeso” (At 19.1-7), disponível em: <<https://ipbriopreto.org.br/sermao/o-batismo-com-o-espírito-santo-em-efeso-at-19-1-7/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- Sermão “O Pentecostes, a profecia de Joel e o evangelho” (At 2.14-21). Disponível em: <<https://ipbriopreto.org.br/sermao/o-pentecostes-e-a-profecia-de-joel-at-2-14-21/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- NASCIMENTO, Misael Batista; PORTO, Ivonete Silva. *Introdução aos ministérios e dons espirituais. Exemplar do instrutor ou discipulador*. Brasília: Igreja Presbiteriana Central do Gama, 2008 (Discipulado maduro e reprodutivo). Disponível em: <<https://misaelbnascimento.com/apostilas/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- PACKER, J. I. *Caminhando no poder do Espírito*. 2ª ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- PAULO II, João. *Discurso do Papa João Paulo II aos responsáveis do (sic.) movimento carismático católico*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981030_carismatici_po.html>. Acesso em: 28 mai. 2013.
- PHILLIPS, Richard D. (Org.). *Série fé reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, v. 2.
- RICHARDS, Lawrence O.; MARTIN, Gib. *Teologia do ministério pessoal: Os dons espirituais na igreja local*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: A obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. 2ª ed. Paulo: Cultura Cristã, 2019.

- RUTHVEN, Jon Mark. *Sobre a cessação dos charismata*. Natal: Editora Carisma, 2017.
- SCHREINER, Thomas R. *Dons espirituais: uma perspectiva cessacionista*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- SCHWERTLEY, Brian. *O movimento carismático e as novas revelações do Espírito*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.
- SPROUL, R. C. *O mistério do Espírito Santo*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- STOTT, John R. W. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: O mover sobrenatural de Deus*. 3ª. ed. Reimp. 2011. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- STRONG, James. *Strong's concordance with Hebrew and Greek lexicon*. Spokane WA: Olive Tree Bible Software, Inc., [201-?].
- SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Manual presbiteriano*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.
- TENNEY, Merrill C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 4.
- TUCKER, Ruth. *Missões até os confins da terra: Uma história biográfica*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, v. 1.
- VANG, Preben. *1Coríntios*. São Paulo: Vida Nova, 2018 (Série comentário expositivo).
- VENEMA, Cornelis P. *A promessa do futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- WAGNER, C. Peter. *Descubra seus dons espirituais*. 5ª ed. Atualizada e ampliada. São Paulo: Abba Press, 2009.
- WALKER, Paul. "Os dons e o poder do Espírito Santo". In: *BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- WARFIELD, Benjamin Breckinridge. *Counterfeit miracles*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1918. Logos Software.
- YOUNGBLOOD, Ronald F. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.